

**“Em Direto”  
A banalização da transmissão em tempo real  
na informação da SIC e da SIC Notícias**

**Filipa Gonçalves Traqueia**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo**

**Junho, 2014**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do prof.  
Doutor Pedro Coelho

## DECLARAÇÕES

Declaro que este relatório de estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, 30 de junho de 2014

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O orientador,

---

Lisboa, 30 de junho de 2014

“Não tenhamos pressa,  
mas não percamos tempo.”

José Saramago

## Agradecimentos

À **minha mãe**.

Ao **Pedro Coelho**, por tudo e mais alguma coisa.

Ao **José Silva** pela paciência e pela oportunidade que me deu.

Ao **Ricardo Tenreiro** pelas discussões sobre o *raccord*.

À equipa da Agenda:

À **Ana Galvão**, à **Conceição Andrade**, à **Isabel Santana** e à **Marisa Silva** pelo acolhimento e pela disponibilidade que mostraram em qualquer altura e situação.

À **Sara Pinto**, ao **Ricardo Borges de Carvalho** e ao **Rodrigo Pratas** pelas Madrugadas e pelos primeiros ensinamentos práticos.

À Pool do Primeiro Jornal:

Ao **André Antunes**, ao **Bento Rodrigues**, ao **Paulo Varanda**, à **Fernanda de Oliveira Ribeiro**, ao **Luís Manso**, ao **Joaquim Franco**, à **Elsa Gonçalves**, à **Susana Ruela** e à **Dulce Salzedas** por me deixarem aprender com a sua experiência.

A todos os **repórteres de imagem** pelos conselhos e pelas explicações sobre a técnica.

Aos **estagiários** que chegam e partem mas que deixam sempre uma marca na redação.

Aos meus colegas de mestrados, em particular à **Catarina Durão Machado**, à **Ana Carolina Veríssimo**, ao **Leandro França** e ao **Fábio Monteiro** que aos poucos se tornaram grandes e verdadeiros amigos.

À **Flaviana Teixeira**, à **Inês Boieiro**, à **Diana Felício**, à **Sara Queirós**, à **Patrícia Neves**, ao **François Gonçalves**, à **Cátia Fonseca**, ao **Tiago Cerveira** e ao **Marco Perdigão** que me acompanharam praticamente desde o início desta caminhada pelo jornalismo.

Aos professores **António Granado**, **Paulo Nuno Vicente**, **Dora Santos Silva**, **António José Teixeira**, **Christiana Martins** e **Francisco Rui Cádima**, que me transmitiram os seus conhecimentos e me encaminharam para o verdadeiro mundo do jornalismo.

No fundo, a **todos** os que, ao longo destes dois anos de mestrado e três de licenciatura, contribuíram, direta ou indiretamente, para o meu crescimento enquanto jornalista.

E à **praxe**, pelo absinto.

**“Em Direto”**  
**A banalização da transmissão em tempo real**  
**na informação da SIC e da SIC Notícias.**

**Filipa Gonçalves Traqueia**

**Resumo**

O avanço tecnológico da televisão possibilita cada vez mais chegar onde nunca antes fora possível. Hoje em dia é possível transmitir em direto de quase qualquer ponto do mundo e, com os canais de informação, a qualquer hora. Mas estará o direto a ser banalizado ao ponto de perder a sua importância? Como é que é utilizada a transmissão em tempo real nos canais portugueses, em particular na SIC e na SIC Notícias? Este relatório vai tentar entender as vantagens e desvantagens que o direto acarreta, enquanto apresenta o novo panorama tecnológico da televisão.

**Palavras-Chave:** Direto, televisão, tecnologia, “censura invisível”, jornalismo de investigação

**Abstract**

The television’s technological progress brings the capacity of going even further than was ever possible. Nowadays, it’s possible to be live in almost any place in the world and, through the news channel, at any time. But is live broadcasting being hackneyed to the point of losing its importance? How is the live transmission used in the Portuguese channels, especially in SIC and SIC Notícias? Through this report we are going to try to understand the advantages and disadvantages of live broadcasting, while we are presenting the new television’s technological scenery.

**Key Words:** Live broadcasting, television technology, “invisible censorship”, investigative journalism

# Índice

Introdução .....	1
Capítulo 1: O Direto Enquanto Género Jornalístico.....	4
O que é o direto? .....	4
As razões para entrar em direto.....	5
A produção do direto.....	8
Capítulo 2: A Evolução Tecnológica dos Diretos .....	12
Satélites: Do início aos nossos dias.....	12
Guerra do Golfo: Uma guerra tecnológica e em direto.....	14
Teradeks: Questões éticas associadas à utilização da nova tecnologia.....	18
Capítulo 3: O Mercado dos Canais de Informação 24h .....	21
Os canais de informação 24h e o uso do direto.....	21
O direto como forma de censura .....	24
Jornalismo de Asserção e Jornalismo de Comunicação.....	27
Capítulo 4: O Direto e a Verificação de Dados .....	31
O Jornalismo de Verificação .....	31
A peça, a Grande Reportagem e a relação com o direto .....	33
Conclusão .....	37
Bibliografia.....	41

## Lista de Anexos

[Anexo 1](#) – Calendário dos estagiários e legenda

[Anexo 2](#) – Análise dos diretos no Primeiro Jornal

[Anexo 3](#) – Análise dos diretos na Edição da Tarde

[Anexo 4](#) – Entrevista ao jornalista José Manuel Mestre

[Anexo 5](#) – Exemplo do *planning* (dia 11 de fevereiro de 2014)

[Anexo 6](#) – Exemplo do *planning* (dia 5 de março de 2014)

[Anexo 7](#) – Fotografia do *teradek*

[Anexo 8](#) – Esquema do funcionamento do *teradek*

[Anexo 9](#) – Trabalho realizado no Primeiro Jornal

## Introdução

Entre 2001 e 2013 Portugal consolidou a oferta de informação por cabo, tendo surgido três canais: SIC Notícias (2001); RTP Informação (2004, com o nome de RTPN); e TVI24 (2009). Os canais de notícias vieram alterar a relação dos espectadores com a informação televisiva. Lewis *et al.* consideram que a essência dessa nova relação é alimentada pela possibilidade de atualização permanente da informação; pelo potencial criado pela transmissão de grandes acontecimentos em direto e pela capacidade ampliada de criar contexto e espaço de análise dos acontecimentos (2005: 461).

No dia-a-dia, enquanto consumidores ativos de informação, somos levados a questionar algumas práticas dos novos modelos do jornalismo. Os canais de informação 24 horas impõem um conjunto de regras ao mercado que acabam por condicionar os jornalistas. Com uma emissão contínua, o jornalista vê-se forçado a produzir a notícia o mais rapidamente possível. Ser o primeiro passou a ser uma necessidade, e o direto uma ferramenta essencial para alcançar esse objetivo. Mas o que perdem os espectadores com isso? Será que o aumento do tempo de emissão noticiosa aumenta a capacidade do jornalista transmitir o momento certo de um acontecimento ou, por outro lado, leva a uma sobreutilização não justificada do direto? Foi com base nestas questões que desenvolvemos este trabalho.

É preciso, em primeiro lugar, entender o que é o direto enquanto género jornalístico. Enquanto espectadores, conseguimos identificar um direto através de uma linha de grafismo que é colocada, normalmente, no canto superior direito. No entanto, a simples utilização deve ser justificada. No primeiro capítulo vamos explicar o que é, em que circunstâncias é utilizado e como é produzido.

Nos últimos 60 anos, a tecnologia evoluiu significativamente. Hoje é possível entrar em direto, praticamente, a partir de qualquer ponto do planeta terra. Vamos explorar, no segundo capítulo, a evolução tecnológica desde o aparecimento da televisão transmitida por antenas, por satélites, até aos novos meios de transmissão portáteis, conhecidos como *teradeks*. Colocamos ainda uma questão à luz deste tema: de que forma o avanço tecnológico pode interferir com a ética e deontologia da profissão? Apresentamos ainda um dos principais momentos transmitidos em

direto, a Guerra do Golfo, e analisamos os conflitos éticos que essa transmissão gerou à luz da reflexão de Barbie Zelizer e José Rodrigues dos Santos.

As opções editoriais que prezam o imediatismo e a constante atualização do acontecimento criam um problema aos jornalistas: com o aumento da periodicidade dos noticiários, o jornalista vê-se forçado a ter de estar sempre preparado para entrar em direto. Esta imposição impede o jornalista de investigar, comprovar a veracidade de factos e procurar fontes, deixando-o preso a um cabo, como identifica Ignacio Ramonet. Pode esta falta de liberdade, que o direto impõe, interferir com a capacidade de verificação inerente à profissão? O autor classifica esta situação como “censura invisível”, um conceito que será explicado no terceiro capítulo e relacionado com o jornalismo de asserção, apresentado por Kovach e Rosenstiel, e o jornalismo de comunicação, defendido por Erik Neveu.

No último capítulo vamos apresentar o jornalismo de verificação e a necessidade de investir na pesquisa e investigação. Tendo em conta que uma informação de qualidade é o primeiro passo para a formação da opinião do público e para a defesa de uma democracia livre, vamos tentar perceber de que forma a preparação de uma Grande Reportagem e da informação diária diferem do imediatismo imposto pela transmissão em tempo real.

A SIC (Sociedade Independente de Comunicação), inaugurada a 6 de outubro de 1992, foi o primeiro canal privado dos quatro generalistas portugueses e foi também pioneiro na criação de um canal de informação, a SIC Notícias. As emissões da SIC Notícias arrancaram a 8 de Janeiro de 2001. Dentro do universo SIC existe ainda a SIC Radical, a SIC Mulher e a SIC Caras. Todos os canais pertencem ao grupo Impresa que inclui ainda publicações como as revistas Visão, Caras, Exame Informática e Blitz e os jornais Expresso e Jornal de Letras.

O estágio curricular teve a duração de seis meses<sup>1</sup>, repartidos por vários departamentos: Agenda (um mês e meio), Madrugadas (três semanas escaladas), Grande Reportagem (dois meses) e Primeiro Jornal (dois meses). Durante este tempo foi-nos possível acompanhar o trabalho de diferentes profissionais das notícias e aprender com eles.

---

<sup>1</sup> Ver Anexo 1

Ao longo deste relatório, serão apresentadas, como exemplos, situações que decorreram durante o estágio na redação de informação da SIC. Serão também integrados, como exemplos, os diretos emitidos entre 17 e 30 de maio de 2014, no Primeiro Jornal da SIC e na Edição da Tarde da SIC Notícias (das 15h às 19h). Durante este período foram anotados todos os diretos e falsos diretos emitidos, assim como a sua duração, e foram constituídas duas tabelas<sup>2</sup> com os respectivos elementos. A análise foi feita por observação e teve como base a imagem e o discurso dos jornalistas em direto.

---

<sup>2</sup> Ver Anexo 2 e 3

# Capítulo 1:

## O Direto Enquanto Género Jornalístico

### O que é o direto?

O direto é um formato que permite a transmissão de informação em tempo real. Na televisão, e também na rádio, existem duas formas de emitir: em direto e em diferido, sendo a segunda gravada e editada previamente. A capacidade de transmitir em direto tem sido, desde sempre, valorizada: a televisão, quando apareceu, levou os visionários a confiar na dimensão extraordinária do direto antecedendo que a opção editorial por este formato seria, devido à sua importância, uma raridade (Tuggle & Huffman, 2001: 335).

José Manuel Mestre, jornalista da SIC e professor de diretos na pós-graduação em jornalismo multiplataforma, uma parceria entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e o grupo Impresa, defende que o direto televisivo pode ser entendido como um novo género, uma vez que “abarca os outros todos”:

“(…) O repórter dá notícia, faz reportagem, entrevista em direto e, ainda em direto, muitas vezes faz também crónica do acontecimento emitindo opinião sobre o que está a acontecer, o que o obriga a ser um jornalista completo, se possível também especializado na área que é chamado a cobrir em direto” (Mestre, 2011: 6)

O direto é um formato que, devido ao seu imediatismo, se torna imprevisível e força o jornalista a uma preparação mais cuidada. Numa entrevista realizada a José Manuel Mestre<sup>3</sup>, o jornalista explicou que quando tem de fazer um direto preocupa-se com a preparação e o domínio sobre o assunto que está a cobrir. No seu caso pessoal, o jornalista opta por encontrar “A pergunta” a fazer durante o direto, num exercício que, como nos explicou, implica perceber a questão mais importante do acontecimento. Para além disso, José Manuel Mestre lembra que é preciso ser sintético, claro, incisivo e alerta ainda para os riscos que podem resultar da imprevisibilidade do direto e que têm de ser equacionados em conjunto com o repórter de imagem.

O direto é sempre identificado por uma linha de grafismo, com a palavra “Direto” e o local onde o jornalista se encontra, no canto superior direito do ecrã.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório. Ver Anexo 4

Apesar de não ter um formato definido, o direto, geralmente, começa com o jornalista como primeira imagem a explicar o acontecimento que está a presenciar, normalmente na sequência de uma questão do *pivot* em estúdio. Num segundo momento, o jornalista pode optar por se afastar da frente da câmara para permitir que o repórter de imagem mostre o acontecimento ou para dar lugar a um entrevistado. No final, o jornalista adota a sua posição inicial e termina o direto.

A opção de sair da frente da câmara só é feita quando existe algo para mostrar aos espectadores, ou seja, quando o acontecimento está a decorrer atrás do jornalista. No entanto existem casos em que o jornalista entra em direto em situações onde não há imagem para mostrar. C. A. Tuggle e Suzanne Huffman classificam esses momentos por “buracos negros”<sup>4</sup>, ou seja, situações de “emissão de uma cena em direto onde pouco ou nada está a acontecer (...)”<sup>5</sup> (2001: 343). Apesar de ser pobre em imagem, um “buraco negro” não implica obrigatoriamente um momento de mau jornalismo ou de uso injustificado do direto.

A utilização do direto traz vantagens e desvantagens: se por um lado a transmissão em tempo real permite ao espectador ser transportado para o local onde está a acontecer algo, por outro a falta de mediação e de contextualização que o direto, por vezes, impõe pode ser desfavorável tanto para o público como para o jornalista. Existem os dois tipos de espectadores: os que preferem que o acontecimento chegue às suas casas sem qualquer tipo de mediação e os que se sentem desamparados quando falta o contexto ou a explicação do jornalista. É necessário frisar, no entanto, que, tendo por base a análise feita ao Primeiro Jornal da SIC e à Edição da Tarde da SIC Notícias, a anulação do papel de jornalista enquanto mediador, de facto, existe, mas tem pouca representatividade.

### **As razões para entrar em direto**

A transmissão em tempo real traz vantagens à informação, como o imediatismo e a proximidade, no entanto o seu uso excessivo pode resultar numa banalização e na perda de interesse por parte do espectador. Casella apresenta quatro

---

<sup>4</sup> Tradução livre de “black holes”

<sup>5</sup> Tradução livre de “Broadcasting live from a scene where little or nothing is happening (...)”

razões para entrar em direto que vamos analisar à luz de exemplos concretos da SIC e da SIC Notícias<sup>6</sup> (2012).

As notícias de última hora são, normalmente, a razão mais associada ao direto. Por serem situações imprevistas e não planeadas, “as notícias de última hora verdadeiras implicam que alguma coisa está a acontecer em tempo real que garanta cobertura”<sup>7</sup> (Casella, 2012:367). O caso do incêndio num armazém em Lisboa, no dia 21 de maio, tem as características apresentadas por Casella e, por isso, pode ser utilizado como exemplo: o incêndio deflagrou pelo fim da manhã e o acontecimento foi transmitido, em direto, por duas equipas de reportagem no Primeiro Jornal, estando uma perto do local e outra colocada, estrategicamente, num lugar alto com vista para o incêndio. Durante o noticiário, a emissão foi transmitida para o local duas vezes, sendo que na segunda o incêndio estava praticamente extinto, e o relato dos jornalistas foi acompanhado por imagens amadoras do início da ocorrência.

Lewis *et al.* relembra que, no caso dos canais de informação, a probabilidade de o espectador assistir à transmissão em direto de uma notícia de última hora é baixa, uma vez que o espectador não assiste à emissão durante longos períodos de tempo (Lewis, et al., 2005: 467).

Por vezes, as notícias de última hora, devido ao seu imediatismo e à confusão gerada pelo acontecimento, podem levar à transmissão de informação incorreta ou desatualizada. Bill Kovach e Tom Rosenstiel explicam que, nessas situações, em particular, o espectador compreende a razão para o erro, desde que esta seja posteriormente confirmada e corrigida:

“Enquanto consumidores, nós entendemos que a história pode estar incompleta. Os eventos são fluídos; os detalhes são caóticos. A cena tem de ser controlada pelos primeiros socorros que tentam salvar vidas. Nós apreciamos que os jornalistas possam ser mantidos a alguma distância. Nós percebemos que nem toda a gente sabe o que é que se está a passar e, com vítimas a ser levadas para diferentes hospitais, a contagem de feridos e mortos não é clara.”<sup>8</sup> (Kovach & Rosenstiel, 2010: 101).

---

<sup>6</sup> Os exemplos foram recolhidos através da visualização diária do Primeiro Jornal e da Edição da Tarde (das 15h às 18h) entre os dias 17 e 30 de maio de 2014. Ver Anexos 2 e 3.

<sup>7</sup> Tradução livre de “Actual breaking news implies something is occurring in real time that warrants coverage.”

<sup>8</sup> Tradução livre de “As consumers, we understand that the story might be incomplete. Events are fluid; details are chaotic. The scene must be controlled by first responders trying to save lives. We appreciate

Os autores citam o acidente entre duas carruagens do metro em Washington, D.C., em 2009, onde os jornalistas não sabiam, ao certo, o número de mortos e de feridos que o acidente tinha provocado (*idem, ibidem*: 101).

O recurso ao direto de eventos marcados, como é o caso das conferências de imprensa, dos debates ou dos julgamentos, pode ser justificado, segundo Casella, com o que o autor intitula “necessidade da redação”<sup>9</sup> (2012: 367). O autor explica que os diretos feitos sob esta condição, apesar de não serem apelativos visualmente, “podem enaltecer a qualidade da cobertura [do acontecimento]”<sup>10</sup> (*ibidem*: 368). O exemplo citado por Casella, e observado na SIC Notícias no dia 22 de maio, é o caso de um julgamento em que o jornalista, ao ficar no local, não perde tempo a deslocar-se para a redação e atualiza a informação através de um direto (*ibidem*: 367). No caso concreto do dia 22 de maio, que correspondeu ao início do julgamento de Manuel “Palito”<sup>11</sup>, o jornalista não teve acesso à audiência, pelo que apenas observou o que se passava fora do tribunal.

No exemplo supra citado, a jornalista, que entrou em direto nos noticiários das 16h, 17h e 18h da Edição da Tarde, iniciou o discurso da última transmissão dizendo que não tinha nada para acrescentar ao direto anterior.

A questão da apresentação é também tida em conta por Casella. O jornalista, aqui, entra em direto para transmitir ao espectador a ideia de que “estamos aqui” (*ibidem*: 369). O autor relaciona a questão da apresentação com os canais de informação 24h por ser uma forma de utilizar tempo de antena. Na SIC e, em particular, na SIC Notícias foi visível o recurso ao direto de apresentação durante os treinos da seleção nacional. Duas equipas de jornalistas eram destacados diariamente para o centro de estágios onde decorriam os treinos para o mundial da seleção nacional de futebol e colocados no ar, mesmo que não houvesse treino. Foi o que aconteceu no dia 28 de maio em que o jornalista entrou em direto sem ter informação para acrescentar, mostrando apenas à audiência que estava lá.

---

that journalists might be kept at some distance. We understand that not everyone knows what is going on and that, with victims being taken to different hospitals, the counts of injured and dead are unclear.”

<sup>9</sup> Tradução livre de “editorial necessity”

<sup>10</sup> Tradução livre de “may also enhance the quality of coverage”

<sup>11</sup> Manuel “Palito”, como era conhecido, foi acusado de assassinar a ex-sogra e uma tia da ex-mulher, e de tentativa de homicídio à ex-mulher e à filha que ficaram feridas. O suspeito andou fugido durante cerca de um mês.

Este exemplo serve ainda para questionar a imposição feita ao jornalista ser o primeiro a chegar e o último a sair do local. José Manuel Mestre explica<sup>12</sup> que esta imposição é feita pelos coordenadores e pode atrapalhar a pesquisa que o jornalista tem de fazer e impedir que este chegue às fontes e entenda o que se passa. Tanto Casella como Tuggle e Huffman alertam para o perigo de o jornalista permanecer no local muitas horas depois de o acontecimento ter terminado:

“(…) Se os repórteres falharem na explicação do porquê de continuarem no local do acontecimento depois de este ter acabado, podem parecer tolos”<sup>13</sup> (Casella, 2012: 368)

“Se o repórter questionar ‘porque é que está (a reportar) em direto?’, não estará o público a perguntar o mesmo?”<sup>14</sup> (Tuggle & Huffman, 1999: 498)

Casella apresenta, por último, a identidade da estação como uma razão para optarem pelo recurso à transmissão em tempo real. O autor indica que, nos Estados Unidos existem estações televisivas que defendem a política de entrar em direto pelo menos uma vez por dia. No entanto, durante a análise feita à SIC e à SIC Notícias, não houve qualquer indício da utilização dessa justificação.

## **A produção do direto**

O primeiro passo da construção noticiosa é a receção e filtragem da informação e o agendamento dos eventos. Diariamente, o departamento da Agenda da SIC recebe centenas de comunicados de imprensa, por *e-mail*, que são seleccionados e distribuídos consoante a data, a hora e a editoria a que pertencem. Cada evento implica uma entrada no programa informático onde é descrito o acontecimento, o local, a hora e as personalidades envolvidas. Este trabalho deve ser feito com bastante cuidado visto que, como aconteceu durante o tempo em que estivemos na Agenda, uma equipa pode ser enviada erradamente para um determinado sítio caso a entrada do evento tenha sido colocada num dia errado.

Para além dos comunicados de imprensa, chegam ainda à Agenda relatos de situações e acontecimentos por telefone que são analisados, seleccionados e depois

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório.

<sup>13</sup> Tradução livre de “(…) if reporters fail to explain why they are still at the scene of an event after it ended, they can look foolish”

<sup>14</sup> Tradução livre de “If the reporter is asking ‘Why am I (reporting) live?’, isn’t the viewer asking the same thing?”

desenvolvidos em peça. E, no momento em que os mesmos são rececionados, é avaliada a possibilidade de pudermos gerar um direto, ou uma peça. No dia 10 de Outubro de 2013 fomos informados de uma situação que poderia ter gerado um momento de reportagem em direito. Na tarde desse dia, a equipa da Agenda recebeu pelo menos duas chamadas de aviso sobre um indivíduo do sexo masculino que estava barricado na estação de comboios de Campolide, em Lisboa. Os cidadãos que entraram em contacto com a SIC reportaram a presença da polícia no local e informaram que tinham sido disparados entre 12 a 14 tiros.

Numa situação como esta, de última hora, é necessário ter alguns cuidados antes de enviar uma equipa para o local. Em primeiro lugar é preciso fazer o despiste da informação. Neste caso em particular, foi feito um contacto com forças oficiais da polícia que, segundo o relato dos cidadãos, já estavam no local. Esse contacto permitiu-nos apurar que se tratava, afinal de um exercício de simulação da polícia e que não implicava perigo real aos utilizadores do serviço de comboios nem aos habitantes da zona.

O pouco tempo que se perdeu no despiste da informação impediu que uma equipa de jornalistas deixasse o trabalho que estava a fazer e fosse, de imediato, para o local reportar uma falsa notícia. Kovach e Rosenstiel descrevem uma situação semelhante: No oitavo aniversário do 11 de Setembro, os jornalistas da CNN intersectaram uma informação da Guarda Costeira que indicava, à semelhança do exemplo anterior, um exercício de simulação. A informação foi mal interpretada e assumida pelos jornalistas como sendo um ataque fluvial. Antes mesmo de obterem uma resposta por parte da Guarda Costeira, já uma repórter do canal norte-americano estava em direto a anunciar o ataque.

“Sete minutos depois, a agência noticiosa Reuters, citando a CNN, enviou uma notícia via internet assinalada como Urgente: ‘Guarda Costeira Dispara Contra Barco Suspeito no Rio Potomac no Cento de Washington, D.C. – CNN.’ Poucos minutos depois a Fox News repetiu a história, citando a Reuters como a sua fonte.”<sup>15</sup> (2010: 108)

---

<sup>15</sup> Tradução livre de “Seven minutes later, Reuters news services, attributing CNN, sent out a news bulletin across the Internet marked Urgent: ‘Coast Guard Fired on Suspicious Boat n Potomac River in Central Washington, D. C. – CNN.’ A few minutes later Fox News repeated the story, citing Reuters as its source.”

Depois de ter sido confirmado que a situação não era verdadeira, o diretor de informação, David Bohrman, afirmou que tinham estado a tentar fazer o despiste da informação durante 20 minutos junto da Guarda Costeira e que a única resposta que tinham recebido é que não se estava a passar nada (*idem, ibidem*: 108).

A produção de informação passa pela recolha de todos os dados junto da pessoa que está a fazer a denúncia ou a dar conhecimento de um acontecimento. No caso dos comunicados de imprensa é crucial que estes tragam a data, a hora, o local e o contacto de um elemento da organização. Muitas vezes, os comunicados chegam à redação incompletos, o que implica um maior investimento dos jornalistas que os recebem na pesquisa sobre aquele evento.

No caso das denúncias por telefone, é nossa função tentar perceber se a situação que está a ser relatada tem importância para a audiência nacional. No entanto, é sempre conveniente guardar o contacto do denunciante porque, tendo em conta o contexto nacional, o caso pode ser produzido noutra altura. Um exemplo disso foi o caso do fecho do único consulado português em Marselha, França, situação que passou a obrigar os portugueses a fazerem uma viagem de avião, que custa cerca de 300 euros, ou de barco, que ocupa o dia inteiro, para, por exemplo, renovar o Cartão de Cidadão. A situação foi-nos denunciada pela primeira vez a 2 de outubro de 2013 e depois, mais tarde a 11 do mesmo mês. A informação só foi produzida a 22 de outubro mas, por falta de meios, nunca chegou a ser destacada uma equipa.

Um outro exemplo de denúncia que resultou num conjunto de peças informativas<sup>16</sup> aconteceu no dia inicial do nosso estágio: o primeiro telefonema que recebemos foi de um senhor que estava a ser processado por um vizinho que tinha assaltado a padaria do sogro. O assaltante, que já tinha sido condenado pelo tribunal, estava agora a acusar ambos os responsáveis da padaria pela agressão que decorreu durante o assalto. O julgamento foi acompanhado pela SIC.

As histórias que chegam à SIC são filtradas e selecionadas pelo menos duas vezes: na agenda e nas reuniões de departamentos, das quais resulta o *planning*

---

<sup>16</sup> Exemplo de uma das peças produzidas sobre a informação fornecida à Agenda por telefone: <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2013-09-25-homem-processa-o-dono-da-pastelaria-que-assaltou.jsessionid=3AA0CF04460B4924C0F96A90D2EE667C>

diário<sup>17</sup>. Na seleção da Agenda são tidos em conta os critérios de noticiabilidade que são enumerados e descritos na diversa literatura sobre a matéria (“momento do acontecimento”, “intensidade”, “clareza”, “proximidade”, “surpresa”, “continuidade”, “composição”, “valores socioculturais”, “previsibilidade”, “valor das imagens” e, por último, “custos” (Canavilhas, 2001: 3-4)). Na questão particular dos diretos, Tuggle e Huffman afirmam existir uma relação entre a hora de acontecimento e a probabilidade da sua transmissão. Os autores concluíram que existe um maior investimento na transmissão do evento caso este esteja a acontecer no momento do noticiário, mesmo que o valor noticioso do mesmo seja baixo (1999: 498).

Outra questão de importância na seleção das histórias a produzir é a altura do ano e o que isso implica para os espectadores. O arranque do nosso estágio, em Setembro de 2013, coincidiu com o regresso às aulas, pelo que, a maior parte das denúncias que recebíamos eram sobre a falta de professores, os problemas com a formação de turmas, ou a falta de condições das escolas. A questão torna-se cíclica: a altura do ano justificava o investimento na produção de histórias de irregularidades nas matrículas e, ao mesmo tempo, a emissão dessas histórias levava os espectadores a entrarem em contacto com a SIC, no sentido de exporem a sua situação particular.

---

<sup>17</sup> Ver Anexo 5 e 6.

## **Capítulo 2:**

### **A Evolução Tecnológica dos Diretos**

#### **Satélites: Do início aos nossos dias**

A televisão começou a ser emitida para o público, nos Estados Unidos, em Abril de 1939, durante a inauguração da Feira Mundial (Silva & Teves, 1971: 22). Esta nova invenção teve uma expansão rápida e, em 1942, já existiam 10 estações comerciais a emitir; uma expansão que foi interrompida pela II Guerra Mundial. Durante esse período, apenas 6 dessas estações mantiveram o serviço. Em Portugal, o início das emissões regulares de televisão ocorreu a 7 de março de 1957, com a Rádio Televisão Portuguesa (RTP).

A transmissão do sinal era feita através da propagação de ondas de frequência ultra elevada (entre 60, 200 e 500 MHz) pela antena emissora, no estúdio (*idem, ibidem*: 33). A informação era recebida por um tipo de antenas recetoras que estavam alojadas nos telhados dos consumidores e cujo formato variava consoante a distância a que estavam da fonte do sinal. Este esquema pecava pela distância: era impossível, nessa altura, chegar com a emissão a um local longínquo, se não houvesse uma antena que reemittisse as ondas eletromagnéticas de 60 em 60 quilómetros. Neste contexto, a transmissão sobre o mar constituía um desafio.

O projeto norte-americano “estratovisão” apresentou uma solução para o problema: a criação de aviões equipados com estações televisivas que estariam a cerca de nove quilómetros de altitude e que recebiam e transmitiam o sinal da TV. Esta solução vinha diminuir significativamente o número de antenas necessárias para ligar os Estados Unidos de um lado ao outro. Segundo os cálculos feitos na altura, seriam precisos, pelo menos, oito aviões para efetuar essa ligação. Um número bastante reduzido quando comparado com as 100 antenas que eram necessárias para atingir a mesma distância (*idem, ibidem*: 68). No total, como explica Lopes da Silva, 14 aviões conseguiriam servir cerca de 78% da população norte-americana. Cada avião só poderia estar no ar cerca de oito horas de cada vez, o que implicava uma rotatividade dos aparelhos a cada quatro horas.

No início da década de 50 do século XX, o cientista inglês Arthur C. Clarke apresentou a opção de utilizar um satélite artificial para transmitir as ondas

eletromagnéticas. “Se um tal satélite se movesse no plano do equador, no mesmo sentido do movimento da Terra, ele permanecia estacionário no céu.” (*idem, ibidem*: 69). A esta trajetória chama-se Órbita Geoestacionária: o satélite, independentemente do seu peso, tem uma velocidade de movimento igual à velocidade de rotação da terra (*idem, ibidem*: 69) ou seja, o satélite está estacionário num determinado ponto:

“Se três satélites destes estivessem equidistantes uns dos outros e na mesma órbita, um ou outro deles seria sempre visível de qualquer ponto da Terra, exceto numa área muito pequena junto aos polos, aliás virtualmente despovoada.” (*idem, ibidem*: 69)

A Órbita Geoestacionária encontra-se sobre o plano do equador, a cerca de 36.000 km acima do nível médio das águas do mar. A hipótese foi concretizada por John R. Pierce em 1955 e os satélites continuam em funcionamento hoje, não só com a sua função inicial, mas sendo também responsáveis pelas telecomunicações de telemóvel e internet.

“O satélite é o grande responsável pelo crescente poder dos *media*. (...) Os *media* e em especial a televisão, tiram o máximo partido da evolução técnica, adaptando-se, equipando-se e entrando para a linha da frente na era da globalização. O satélite é o grande responsável pelo crescente poder dos *media*.” (Canavilhas, 2001: 8)

Durante os primeiros tempos da televisão, a emissão era sempre em tempo real mas, com o avanço da tecnologia e a invenção de meios de gravação, a programação televisiva deixou de ser imediata e em direto e passou a ser previamente gravada. Este avanço tecnológico trouxe vantagens e desvantagens. A gravação dos programas permitiu que acabassem as incompatibilidades de horários, uma vez que os programas passaram a ser realizados a qualquer hora e transmitidos mais tarde. No entanto, esta alteração correspondeu à perda do imediatismo e espontaneidade característica da televisão (Silva & Teves, 1971: 53).

A vantagem do imediatismo não ficou por explorar e, nos últimos 60 anos, a tecnologia avançou significativamente. Hoje em dia, a transmissão de acontecimentos tornou-se mais fácil e mais barata. Nas televisões generalistas portuguesas, e em particular na direção de informação da SIC, onde fizemos o nosso estágio, existem duas formas de ligação ao satélite: os carros de satélite e os mini recetores e emissores de ondas.

Os carros de satélite são o mais conhecido meio de entrar em direto. Estas carrinhas são equipadas com um prato de satélite no tejadilho que é posicionado em relação ao satélite. No interior, as carrinhas possuem uma mini régie onde é possível aos operadores terem acesso à emissão do canal. Estes aparelhos ganham pela qualidade do direto mas pecam pelo tamanho e pela dificuldade de movimento, uma vez que, posicionado o prato de satélite, não é possível mover o veículo sob o perigo de se perder a ligação. Os carros de satélite funcionam da seguinte forma: a câmara é ligada à mini régie; as ondas são emitidas pelo prato de satélites, refletidas pelos satélites e recebidas pela estação de televisão.

Com a mesma lógica de funcionamento, os mini recetores e emissores de ondas (conhecidos no meio por *BGAN*, que é a abreviatura de *Broadband Global Area Network*) permitem ao jornalista, não só a transmissão de imagem e áudio, mas também o acesso a telefone e internet a partir de qualquer parte do globo que seja abrangido pelos satélites. Este instrumento tornou-se fundamental para os correspondentes que operam em locais com baixas redes de comunicação (Inmarsat plc., 2013). O aparelho deve ser colocado na direção do satélite a utilizar, para refletir as ondas eletromagnéticas, funcionando exatamente como um carro de satélites, sendo a mini régie substituída por um computador. Apesar do modo de funcionamento ser semelhante, este aparelho vence aos carros de satélite pela portabilidade e facilidade de transporte.

### **Guerra do Golfo: Uma guerra tecnológica e em direto**

A TV continua a prezar pelo direto e pelo imediatismo. Na informação, o direto já nos permitiu assistir a vários momentos que marcaram a história mundial: a chegada do homem à Lua, o discurso de Martin Luther King Júnior, o funeral do presidente Kennedy, a queda das torres do World Trade Center (Anderson, 2004: 5). Barbie Zelizer identifica o direto como crucial também no assassinato do Presidente John F. Kennedy, por ter sido responsável pela ascensão da TV nos Estados Unidos. A transmissão da imagem de Lee Harvey Oswald, o presumível assassino do Presidente, foi a responsável pela ponderação, na altura, dos jornalistas sobre as vantagens e desvantagens do direto (1992: 67).

Apesar de todos esses momentos, o acontecimento considerado mais importante na evolução da transmissão em tempo real é a Guerra do Golfo. Entre 1991 e 2003, o conflito entre os Estados Unidos e o Iraque foi sempre acompanhado pelas televisões, em particular pela CNN, e chegou a casa dos espectadores em todo o mundo.

Durante o período em que decorreu a guerra houve, por parte dos canais anglo-americanos, um grande investimento em tecnologia, para que fosse possível levar o conflito até aos espectadores:

“O início da guerra parecia que tinha sido programado para coincidir com os noticiários da noite dos canais, e noite após noite os americanos eram tratados para a ação que aquecia ao chegar a altura do horário nobre. Os canais de televisão interrompiam a programação agendada com filmagens em direto de repórteres debaixo de fogo”<sup>18</sup> (*idem, ibidem*: 70)

O canal norte-americano CNN foi o que mais investiu na cobertura da guerra. Antes do conflito, a CNN era conhecida como “Chicken Noodles Network”<sup>19</sup> mas, com a transmissão em tempo real do que se passava no Iraque, passou a ser um dos mais credíveis para o público, chegando as audiências a aumentar para o quádruplo. A CNN beneficiou também com a venda das imagens da guerra uma vez que os canais mais pequenos não tinham condições financeiras para manter uma equipa no terreno a transmitir ou a enviar material diariamente (*idem, ibidem*: 71). No entanto, se no início a CNN foi a grande responsável pelo anúncio e transmissão da Guerra do Golfo, mais recentemente, segundo José Rodrigues dos Santos, a RTP, a Al Jazira e Abu Dhabi TV ultrapassaram as televisões anglo-americanas na transmissão do conflito (2003: 26).

Em ambas os momentos, os jornalistas foram integrados nas milícias armadas, um conceito que já vinha da II Guerra Mundial, e que levantou várias questões éticas à cobertura do conflito:

“As histórias da Guerra do Golfo levantaram questões sobre a prática jornalística preferida, que abordou não só grandes preocupações sobre censura, integridade editorial e viabilidade económica, mas um problema específico relacionado com a

---

<sup>18</sup> Tradução livre de “The war’s onset seemed to have been timed to coincide with the networks’ evening news programs, and night after night American were treated to action that heated up as prime time neared. Television networks broke into scheduled programs with live shots of reporters under SCUD attack.”

<sup>19</sup> Traduzindo para português como “Canal de Massa com Galinha”

Guerra do Golfo – como estabelecer autoridade numa reportagem em tempo real”<sup>20</sup>

(Zelizer, 1992: 71)

Os militares garantiam aos jornalistas comida, abrigo e proteção. Os integrados<sup>21</sup>, nome dado aos correspondentes de guerra, foram sujeitos a determinadas imposições por parte do governo norte-americano, que os obrigou a fazer treino militar; proibiu-os de abandonar as tropas, de fazer descrições precisas dos lugares onde as forças militares estavam e deu aos oficiais o direito de rever despachos antes de serem enviados a fim de evitar o envio de informações que pusessem em risco a segurança operacional dos soldados (Santos, 2003: 27).

Estas imposições funcionavam como uma censura à transmissão do conflito. Ignacio Ramonet afirma que existia um contrassenso entre a intenção dos jornalistas e dos militares: “(...) os *media* a prometerem mostrar a ‘guerra em direto’, ao passo que os militares tinham decidido apresentar aos jornalistas apenas engodos” (1999: 88). O autor denuncia ainda um cenário de manipulações e operações de censura durante o conflito:

“Os *media* não disseram: ‘Vai haver uma guerra e não vamos mostrá-la’; pelo contrário, disseram: ‘Vão ver a guerra em direto.’ E mostraram tantas imagens que toda a gente acreditou que estava a ver a guerra. Até que percebemos que não estávamos a vê-la, que essas imagens mascaravam silêncios; que essas imagens eram, quase sempre, falsas, montagens, logros” (*ibidem*: 49)

José Rodrigues dos Santos dá, no entanto, como exemplo, o testemunho do jornalista Andrew Gray: “nenhum oficial permaneceu junto de nós quando falávamos no telefone satélite com os nossos superiores hierárquicos nem alguma vez alguém leu as nossas reportagens antes de as enviarmos” (2003, *apud* Santos, 2003: 28).

A questão dos integrados gerou ainda uma perda de imparcialidade por parte dos correspondentes. Ao conviverem diariamente com os militares, e sendo estes responsáveis pela alimentação, habitação e proteção dos jornalistas, a partir de certa altura, os correspondentes começaram a identificar as tropas iraquianas como “o inimigo” (Santos, 2003: 28). Rodrigues dos Santos identifica um jornalista que,

---

<sup>20</sup> Tradução livre de “Stories of the Gulf War raised questions about the preferred form of journalistic practice, that addressed not only long-standing concerns about censorship, editorial integrity and economic viability but a specific issue related to the Gulf War – how to establish authority for reportage in real time”

<sup>21</sup> Traduzido de José Rodrigues dos Santos do termo “embedded”

devido à empatia criada com os soldados, afirmou sofrer do Síndrome de Estocolmo<sup>22</sup> e um outro que “decidiu não publicar os nomes dos soldados que ele sabia terem cometido crimes de guerra, embora tivesse noticiado essas situações” (*ibidem*: 28).

Alguns jornalistas não cumpriram o contrato com o governo norte-americano: Bob Simon que optou por abandonar a milícia e foi capturado pelos iraquianos (Zelizer, 1992: 75); e Geraldo Rivera, repórter tabloide da Fox, que foi acusado de divulgar informações operacionais sensíveis, entre outros (Santos, 2003: 28).

Outra questão de conflito com a ética foi a forma como a guerra estava a ser reportada: os jornalistas, e a tecnologia que tinham ao seu dispor, passaram a ser mais importantes do que o próprio conflito. Yaari chega a questionar se o jornalista se tinha tornado “menos importante que o prato de satélite perto dele”<sup>23</sup> (1991, *apud* Zelizer, 1992: 73). Em 2003, o investimento na tecnologia foi ainda maior: foram comprados jipes que foram equipados com antenas nos tejadilhos e com um sistema de osciloscópio e GPS para permitir que as antenas estivessem sempre viradas para o satélite, independentemente da velocidade e direção dos veículos (Santos, 2003: 27).

Este marco na evolução do direto foi muito importante para o limitar, ou seja, para perceber até onde é que a transmissão em tempo real pode ir. No entanto, João Canavilhas alerta para os efeitos dessa guerra permanentemente em direto:

“As incansáveis transmissões da Guerra do Golfo banalizaram o direto deixando a sensação de que tudo não passava afinal de um desafio profissional para os jornalistas, uma espécie de tentativa de endeusamento do papel jornalístico, tendo como pano de fundo o cenário de guerra” (Canavilhas, 2001: 9)

---

<sup>22</sup> O Síndrome de Estocolmo é um estado psicótico que pode ser desenvolvido por pessoas que foram sequestradas, onde a vítima se identifica com o raptor e começa a sentir empatia por ele. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome\\_de\\_Estocolmo](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Estocolmo)

<sup>23</sup> Tradução livre de “less important than the satellite dish that he’s standing next to”.

## **Teradeks: Questões éticas associadas à utilização da nova tecnologia**

A mais recente inovação dos diretos são os *teradeks*<sup>24</sup> (nome pelo qual são conhecidos no meio os modelos *Bond*, produzidos pela marca *Teradek*). Estes aparelhos transmitem o sinal em qualquer lugar onde haja cobertura de sinal de telemóvel. Funcionam com *modems* portáteis e têm o tamanho das baterias de uma câmara ENG<sup>25</sup>. O aparelho tem as dimensões de 106.7 x 40.6 x 149.9 mm e pesa apenas 567 gramas (Teradek LLC, 2014).

Os *teradeks* comprimem o sinal de áudio e de imagem e enviam a informação para as antenas de telemóvel através dos *modems* aí inseridos<sup>26</sup>. A informação é enviada para os satélites da rede de comunicação e é recebida no estúdio. Com seis *modems* (dois de cada rede telefónica, no caso de Portugal), o *teradek* gere a quantidade de rede disponível para cada modem de forma a equilibrar a transmissão. No entanto, a qualidade imagem pode ser ainda uma falha, uma vez que, por vezes, devido à falta de cobertura de sinal, as imagens transmitidas são *pixelizadas* (em que os píxeis são maiores do que a imagem antes da compressão) e pode mesmo ocorrer um congelamento momentâneo da imagem durante a emissão.

Mesmo com limitações, os *teradeks* permitem ao jornalista entrar em direto de forma mais simples e mais barata. José Manuel Mestre relembra<sup>27</sup> a altura em que as equipas de reportagem apenas dispunham dos carros de satélites que em alguns sítios não conseguiam entrar. Estes aparelhos permitem, agora, fazer diretos de qualquer sítio com cobertura de rede 3G ou 4G. No caso português, os *teradeks* apenas fazem sentido nas grandes cidades, uma vez que a cobertura de rede 3G e 4G, necessária para a transmissão da imagem e do som sem falhas, não é uniforme geograficamente.

Em relação aos custos dos aparelhos, os *teradeks* alteraram o panorama dos custos com diretos: ao recorrer aos satélites o canal tem de efetuar um pagamento por minuto de transmissão. Num direto normal, tendo em conta o tempo de

---

<sup>24</sup> Ver Anexo 7.

<sup>25</sup> A câmaras ENG é um formato de câmara de filmar utilizada destinada à produção de notícias. O seu tamanho é inferior às câmaras utilizadas em estúdio e o seu formato permite ao repórter de imagem que a carregue, de forma estável, ao ombro. Estas câmaras são utilizadas pelos três canais generalistas (RTP, SIC e TVI) e respetivos canais de informação (RTP Informação, SIC Notícias e TVI24)

<sup>26</sup> Ver Anexo 8.

<sup>27</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório.

sincronização, em média, esse tempo ronda os 15 minutos. Com os *teradeks*, a lógica de pagamento é inversa, ou seja, como os seis *modems* portáteis têm tarifários ilimitados de pagamento mensal, quanto mais tempo estiverem em direto, mais barato este fica.

Apesar das vantagens que os *teradeks* trazem ao direto, estes novos meios de transmissão de sinal portáteis, uma vez ligados à câmara e conectados com o estúdio, estão a transmitir continuamente imagem e som, mesmo que não tenha sido ativado o modo de gravar. Ou seja, se antes dos *teradeks* o repórter de imagem podia optar por cortar a ligação com o estúdio enquanto o jornalista e a fonte se preparavam para a emissão, desligando o cabo de ligação ao carro de satélites, por exemplo, com esta nova tecnologia isso torna-se mais complicado. O *teradek* é introduzido entre a câmara e a bateria (que alimenta ambos) e, para ser retirado, é necessário desligar a máquina.

Assim, a questão da transmissão contínua pode interferir com a ética do processo jornalístico de procura de informação junto de fontes. Entre o jornalista, o repórter de imagem, e a fonte geram-se contratos de confiança que, apesar de serem diferentes, baseiam-se no respeito mútuo.

A fonte tem o direito de impedir a sua identificação ou a divulgação da informação que transmite ao jornalista. No primeiro caso, a fonte pede anonimato, uma condição que serve para a proteger de possíveis retaliações. À segunda situação dá-se o nome de *off-the-record*:

“[O *off the record* é] um acordo entre jornalistas e fontes que estipula restrições em que informações específicas podem ou não ser usadas. Apesar de existirem definições variáveis, a maioria assume-o como uma regra fundamental para a informação que é partilhada em confiança ou sem intenção de ser publicação/difusão.”<sup>28</sup> (Zelizer & Allan, 2010: 100).

O jornalista, caso aceite esta condição, compromete-se com a fonte a não publicar a informação dada. Estando a câmara de filmar equipada com o *teradek*, ou outro meio de transmissão de sinal portátil, e ligada à central da estação televisiva, o jornalista, que recebe a informação na redação, pode, por desconhecer o acordo com

---

<sup>28</sup> Tradução livre de “[Off the record is] an agreement between journalists and sources which stipulates restrictions on whether or not specific information can be used. Though definitions vary, most take it as a ground rule for information that is shared in confidence or not intended for publication/broadcast”

a fonte, dar utilização à conversa, quebrando-se, assim, o compromisso de confiança feito sob a condição do *off the record*.

## **Capítulo 3:**

### **O Mercado dos Canais de Informação 24h**

#### **Os canais de informação 24h e o uso do direto**

O conceito dos canais de notícias 24h baseia-se na premissa de que o espectador pode ter acesso à informação diária a qualquer hora do dia, ou seja, são canais de contacto. Nesta lógica, existe, normalmente, uma repetição das notícias do dia à hora certa para que o espectador possa sempre ficar informado. Por essa razão, as audiências são, também elas, regularmente baixas, uma vez que o espectador apenas acompanha a emissão durante o tempo que considera necessário para se atualizar ou para assistir a um determinado programa, em vez de permanecer durante longos períodos de tempo (como acontece nos canais generalistas ou em outros canais temáticos).

Para além da sua função de contacto, Lewis *et al.* identificam ainda dois propósitos para os canais 24h: permitir ao espectador assistir a um evento em tempo real e providenciar informação mais profunda, com mais contexto e análise (Lewis, *et al.*, 2005: 464). Tendo como base estes três propósitos, os canais de informação vieram alterar a dinâmica de produção de conteúdos. A análise quantitativa de Bill Kovach e Tom Rosenstiel é demonstrativa dessa nova dinâmica: “são 1440 minutos de tempo para encher todos os dias, o que significa muito menos tempo para confirmar as histórias – especialmente quando comparado com os 22 minutos do noticiário da noite”<sup>29 30</sup> (2010: 39).

O aumento de tempo de antena criou uma sobreutilização do direto. Tuggle e Huffman apelidam essa banalização de “direto só porque sim”<sup>31</sup> e alertam que essa sobreutilização pode tornar este formato em algo “inútil” (2001: 337). No entanto, é preciso ressaltar uma situação: o direto só pode ser considerado “inútil”, como dizem Tuggle e Huffman, quando não serve o propósito de informar, ou seja,

---

<sup>29</sup> Tradução livre de “there are 1.440 minutes of time to fill each day, which means there’s less time for checking stories out – particularly relative to the 22 minutes of network evening news”

<sup>30</sup> Os autores referem-se aqui ao caso norte-americano. No caso português os 1440 minutos seriam comparados com os noticiários da noite que têm uma duração média de 90 minutos nos dias úteis.

<sup>31</sup> Tradução livre da expressão “live for the sake of live”

quando o jornalista não faz o papel de mediador e não contextualiza a situação, ou quando a temática tratada não justifica um direto.

Relacionados com a banalização do direto, vamos explorar dois exemplos emitidos pela SIC Notícias: a transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias, no dia 28 de maio, e o discurso do vice-primeiro-ministro Paulo Portas sobre o dia do fim do memorando da *Troika*, no dia 17 do mesmo mês. No primeiro exemplo, a SIC Notícias fez, durante cerca de uma hora e 30 minutos, a transmissão das declarações dos vários partidos, com breves contextualizações feitas por uma jornalista destacada na Assembleia da República. No outro exemplo, Paulo Portas fez o discurso, que foi transmitido na totalidade, mas não permitiu aos jornalistas que fizessem perguntas no final.

Este segundo exemplo levanta uma outra questão: o papel do jornalista numa situação de direto. Com mais tempo de antena e um maior recurso à transmissão em tempo real, o jornalista pode perder a sua capacidade de reportar ou moderar o acontecimento, como vimos nos exemplos supracitados. Ramonet é bastante crítico nesse aspeto e considera que a necessidade do imediatismo “implica a ruína do verdadeiro jornalismo de pesquisa” e chega mesmo a classificar os jornalistas de “inúteis” (1999: 34-35).

Com base na sua experiência profissional, José Manuel Mestre explica<sup>32</sup> que existe uma tendência para os políticos tomarem conta do tempo de antena, controlando o número de perguntas que os jornalistas podem fazer. José Manuel Mestre relembra, ainda, que o jornalista, em direto, não goza do mesmo tempo que o político para fazer a síntese do que foi dito e não tem capacidade de analisar o discurso ponto por ponto.

O jornalista partilhou ainda connosco um momento crucial da sua luta pela mediação dos acontecimentos: antes, as comissões de inquérito eram transmitidas sem qualquer tipo de mediação, em parte devido às condições técnicas da sala. Ao ser destacado para cobrir esse assunto, José Manuel Mestre insistiu em fazer direto para contextualizar o que estava a acontecer:

“Na primeira vez deparei-me com uma série de problemas porque as pessoas não estavam à espera. Às tantas aquilo incomodou-me e disse que queria fazer. Quando percebi que tinha de mover montanhas disse: ‘não, mas eu não quero entrar [na

---

<sup>32</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório. Ver Anexo 4.

sala]. Quero é saber como fazer quando quiser entrar em direto'. Eu queria estar sempre em direto para poder dizer: 'o que este senhor está a dizer é diferente do que disse antes'. Eu tenho de dizer às pessoas, tenho de enquadrar. Daquela vez não foi possível, mas entretanto fui saber o porquê e da vez seguinte cheguei lá e fiz. E toda a gente notou a diferença.”

Para além da falta de moderação e contextualização, existe ainda um fenómeno de mimetismo entre os canais que Ramonet define da seguinte forma:

“O mimetismo é aquela febre que se apodera de repente dos *media* (sem distinguir suportes) e que os empurra, com a urgência mais absoluta, a precipitarem-se para cobrir um acontecimento (qualquer que ele seja) com o pretexto de que outros *media* – e especialmente os *media* de referência – lhes dão uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo provoca um efeito de bola de neve e funciona como uma espécie de autointoxicação: quanto mais os *media* falam de determinado assunto, tanto mais eles se convencem, coletivamente, de que esse assunto é indispensável, central, capital e que é necessário dar-lhe ainda mais cobertura, dedicando-lhe mais tempo, mais meios, mais jornalistas” (1999: 20)

Em Portugal existem três canais de informação: a SIC Notícias (que iniciou as suas emissões em 2001); a RTP Informação, anterior RTP N (2004); e a TVI24 (2009). É, no entanto, recorrente estarem ambos a transmitir o mesmo evento. Ora, se estão todos a transmitir o mesmo acontecimento e, em nenhum deles, existe mediação do jornalista, qual a diferença entre os canais? José Manuel Mestre, em entrevista<sup>33</sup>, explicou-nos, com base na sua experiência pessoal, que este fenómeno decorre de uma tentativa dos canais manterem os números de audiência:

“Quando eu era diretor-adjunto da SIC Notícias transmitíamos os debates mensais e abandonávamos a transmissão nos momentos que considerávamos menos importantes. Um dia pus-me a analisar as audiências para ver o que acontecia: a SIC Notícias vinha a zero. E nessa altura o canal 2, que também fazia transmissão, subia. Porque ao começarmos a transmitir em direto [o acontecimento], todas as pessoas que não queriam ver o debate mudavam de canal. Problema: se eu deixo [a transmissão], aqueles [que ficaram a ver] também vão embora, porque estão lá só para ver aquilo e mudavam para outro [canal]”

José Manuel Mestre acrescentou, ainda, que, na sua opinião, é preciso ousadia por parte dos canais para optar por um caminho diferente e para mudar esta situação de mimetismo.

---

<sup>33</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório. Ver Anexo 4.

Outra imposição das televisões de notícias 24h foram os sucessivos *deadlines*. Devido à sua condição de canais de contacto, os jornalistas são pressionados para a produção rápida dos conteúdos, para que sejam emitidos o mais rapidamente possível. Esta falta de tempo pode levar o jornalista a cometer erros. O episódio da entrevista de Nicolau Santos ao falso coordenador da ONU que foi emitida no programa “Expresso para a Meia-Noite” da SIC Notícias, em Dezembro de 2012, é um desses exemplos<sup>34</sup>. Ao jornal Público, o diretor-adjunto do Jornal Expresso declarou: “Tudo se resume a isto: cometemos um erro terrível, do qual me penitencio – não confirmámos se aquele senhor era quem dizia ser. Para além disto, qualquer conclusão é abusiva” (Público.pt, 2012).

### **O direto como forma de censura**

No dia 12 de Fevereiro de 2014, o jornalista Joaquim Franco foi enviado para Reguengos do Alviela, a fim de reportar o isolamento da aldeia devido à subida das águas do rio Tejo. Saiu da redação com o intuito de fazer um direto para abrir o Primeiro Jornal, mas não foi possível levar nem *teradek*<sup>35</sup> nem carro de satélites. Ficou combinado com o coordenador que um dos meios seria destacado assim que possível.

Ao chegar ao local, Joaquim Franco teve oportunidade de fazer a primeira viagem de barco à aldeia, depois do isolamento. O jornalista teve de decidir se iria esperar pelo *teradek*, uma vez que o carro de satélites nunca permitiria a transmissão a partir da aldeia, perdendo o momento; ou embarcar na viagem, o que poderia impedi-lo de chegar a tempo para cumprir o alinhamento do Primeiro Jornal.

O jornalista conseguiu optar por um caminho duplo em que reportou a primeira viagem com um falso-direto, e entrou no ar, momentos depois de ter enviado o material da primeira viagem. Joaquim Franco conseguiu ainda contactar via telemóvel o presidente da Câmara de Santarém para adicionar ao direto mais alguma informação à que incluía no falso direto. Uma chamada que foi terminada cerca de 5 segundos antes do jornalista entrar no ar.

---

<sup>34</sup> Embora não tenha sido um caso que decorreu durante o nosso período de estágio, este assunto foi debatido em diferentes aulas do Mestrado em Jornalismo que frequentamos

<sup>35</sup> Tecnologia de transmissão de imagem e som portátil apresentada no capítulo 2. Ver Anexos 7 e 8.

Joaquim Franco, por ter de fazer direto, foi forçado a cortar na sua capacidade de reportar, uma vez que não lhe foi possível permanecer na aldeia tempo suficiente para interagir com os habitantes e entender a realidade de uma vila isolada.

Esta situação, que presenciámos durante o nosso estágio na direção de informação da SIC, é um exemplo daquilo a que Ignacio Ramonet chama “censura invisível” (1999: 50). O conceito de Ramonet prende-se com a necessidade do jornalista estar em direto, perdendo a capacidade de pesquisar, confirmar factos ou contactar fontes.

Tuggle e Huffman também identificaram esta condicionante junto de um conjunto de profissionais da informação:

“Uma preocupação sobre a reportagem em tempo real frequentemente citada pelos jornalistas é que o direto dificulta a qualidade da cobertura, porque o jornalista tem de estar preocupado em estar pronto para a sua apresentação em direto e não tem tempo para procurar factos adicionais”<sup>36</sup> (1999: 501).

O avanço tecnológico, devido à portabilidade dos materiais, poderia ser visto como uma forma de quebrar esta ligação ao cabo de transmissão e permitir que o jornalista tivesse mais liberdade de movimento, mas tal não está a acontecer. No exemplo supracitado, o jornalista Joaquim Franco, com o aparecimento dos *teradeks*, tinha a capacidade de fazer algo que, com os carros de satélite, era impossível: entrar em direto dentro da aldeia isolada ou durante a viagem de barco. No entanto, esta portabilidade e facilidade de entrar em direto a baixos custos tem criado uma pressão sobre o jornalista, que é forçado a entrar em direto assim que chegue ao local:

“Logo que um acontecimento irrompe em qualquer parte, os *media* – sobretudo a rádio e a televisão – ganharam o hábito de estabelecer contacto com uma pessoa qualquer que se encontre no local – a quem se exige apenas que saiba falar [português] -, que conta o que sabe. Mesmo que seja pouco, mesmo que seja falso, mesmo que seja um boato. O importante é a ligação direta e ‘o seu efeito de real’” (Ramonet, 1999: 34).

O “efeito de real”, que Ramonet refere, tem a ver, no caso da televisão, com duas situações: primeiro, o facto de o jornalista “estar lá” transmite à audiência a

---

<sup>36</sup> Tradução livre de “A concern about live reporting frequently cited by reporters is that it hampers the quality of the coverage, because the reporter has to be concerned about getting ready for his or her live presentation and does not have time to dig additional facts”

“ilusão de autenticidade”, ou seja, “ele está lá; por isso sabe” (*ibidem*: 92); em segundo, a importância da imagem como prova que determinado momento realmente aconteceu. O poder da imagem, quando comparado com o relato escrito ou falado, consegue fazer com que o espectador acredite no que vê e assuma que um determinado acontecimento não tenha existido só por não haver imagens disso (*ibidem*: 47). A importância da imagem não passa despercebida ao poder político que tenta usá-la em seu proveito:

“(…) Há hoje imagens que estão sob forte vigilância, ou, para ser mais preciso, as imagens de certas realidades são terminantemente proibidas, que é a maneira mais eficaz de as ocultar. Sem imagens, essa realidade não existe.” (*ibidem*: 28)

O autor chega a defender uma ideia extrema em que a necessidade da imagem faz com que a televisão fabrique falsificações ou recorra a imagens de arquivo por aproximação.

Alain Woodrow defende a mesma ideia sustentada por Ramonet: “a ausência de imagens nos telejornais transformou-os em ‘não-acontecimentos’” (1991: 53).

Para além da “censura invisível”, Ramonet identifica ainda duas outras formas de controlar o fluxo informativo: a “censura democrática” e o “efeito biombo”. No primeiro conceito, “censura democrática”, o jornalista é “literalmente asfixiado, sente-se soterrado por uma avalanche de dados, de relatos, de processos – mais ou menos interessantes – que o mobilizam, o ocupam, preenchem todo o seu tempo e, tal como os engodos, o distraem do essencial” (Ramonet, 1999: 29). Um exemplo disso foi o atentado na Maratona de Boston, onde vários jornais portugueses e mundiais publicaram notícias com dados errados com base no excesso de informação por filtrar a que tinham acesso nas redes sociais. O “efeito biombo”, por outro lado, está relacionado com a importância dada a um determinado evento em detrimento de outro, sendo que o momento a que é dada grande importância pode ocultar outro de igual ou maior importância (*ibidem*: 31). Podemos dar como exemplo dois acontecimentos realizados durante o período analisado: a Final da Taça de Portugal e a Final da *Champions*. A estes dois momentos foi dada uma

importância, na nossa opinião, exagerada tendo outras notícias sido postas de parte para mostrar o que se passava horas antes do evento propriamente dito<sup>37</sup>.

O “efeito biombo” está, também, associado à guerra de audiências e à ideia de jornalismo espectáculo, como a define Canavilhas: “podemos dizer que um espectáculo consiste na colocação em cena de dois fatores: uma determinada actividade que se oferece e um determinado sujeito que a contempla” (2001: 4). O Campeonato Mundial de Futebol é mais um exemplo disso. Por ser um assunto que mexe com a paixão dos espectadores, o futebol torna-se num investimento do canal para angariar audiência. Durante a semana de treinos da seleção portuguesa em Cascais e Óbidos, que coincidiu com a nossa análise, a SIC entrou em direto do centro de estágios diariamente, numa média de três vezes, por durante o período diário analisado. No período do campeonato, as notícias da “equipa da quinças” ultrapassam, por certo, outros acontecimentos importantes e abrem, sucessivamente, os telejornais. Este fenómeno é já uma prática comum em campeonatos que envolvem a equipa de Cristiano Ronaldo.

### **Jornalismo de Asserção e Jornalismo de Comunicação**

O jornalismo de asserção, um conceito apresentado por Kovach e Rosenstiel, é um modelo que deriva dos avanços da tecnologia e da constante necessidade dos jornalistas em serem os primeiros a publicar a informação. Os canais de notícias 24h são um dos maiores contributos para a propagação e desenvolvimento deste modelo:

“A cultura dos canais de notícias 24 horas por dia dá uma maior importância em publicar as informações, fazendo com que passem o mais rapidamente possível. É a vantagem da competitividade tecnológica. Mas essa vantagem também coloca um menor valor em vetar a informação antes de ser publicada. E isso tornou-se um lugar onde as fontes informativas podem mais facilmente afirmar o que entenderem sem serem vetadas ou filtradas”<sup>38</sup> (2010: 38).

---

<sup>37</sup> De focar que os dois jogos estavam marcados para o final da tarde e que, em ambos os casos, várias equipas estiveram desde manhã a acompanhar os adeptos e os percursos dos autocarros das diferentes equipas desde os respetivos hotéis até aos estádios.

<sup>38</sup> Tradução livre de “The inevitable bias of this 24/7 news culture is that it places a premium on getting things out there, passing them along as quickly as possible. That is the technology’s competitive advantage. But that advantage also puts less value on vetting information before releasing it. And it became a place where news sources could more easily assert whatever they wanted with less vetting or filtering”

O jornalismo de asserção baseia-se na premissa de que é necessário “encher” o tempo de antena, deixando de parte questões de grande importância do jornalismo, como a confirmação dos factos. Kovach e Rosenstiel apresentam um exemplo desta nova realidade: o jornal norte-americano Washington Post instaurou, em 2008, a política dos “dois toques” onde todas as histórias, antes de ser publicadas, seriam apenas vistas duas vezes. “Qualquer edição adicional seria demasiado cara e iria abrandar o processo”<sup>39</sup> (2010: 43). Veruska Sayonara de Góis explica que as redações se regem pela premissa “tempo é dinheiro”:

“O ritmo comercial exige rapidez, instantaneidade, produção em escala. Quanto menos tempo, melhor. Em caso de dúvida, ponto. São ‘regras’ que ajudam o andamento, simplificam a vida das emissoras, e explicam em parte a formatação da notícia telejornalística” (2010: 3)

As novas tecnologias contribuem, também, tanto para a diminuição dos custos como para a pressão de publicar a informação no momento. Erik Neveu fala de um “ciclone informativo” em que “o ato de confirmação da informação se tornou num incómodo” mas admite que são uma peça fundamental no que toca a levar os telespectadores a estarem mais próximos do acontecimento (2005: 122).

O autor defende que existe, atualmente, uma preferência pela produção de notícias leves, conhecidas por *soft news*, em detrimento de temas como política, economia ou problemas sociais (denominadas por *hard news*). A esta preferência Neveu dá o nome de Jornalismo de Comunicação e é definida pelo autor da seguinte forma:

“(…) o jornalismo de comunicação oferece uma informação cuja atualidade ‘quente’ dos acontecimentos não é mais do que um dos ingredientes. Valoriza as *soft news*, uma informação-serviço que antecipa as necessidades do público em áreas como a saúde, o lazer e o consumo. (...) O jornalismo de comunicação age como vulgarizador, conselheiro, leia-se como um amigo que mantém uma relação familiar com o seu público, divertindo-o. Abandona, pois a sua postura de árbitro e de ator de uma relação cívica. Por outro lado, a segmentação da imprensa faz com que ele se oriente cada vez mais para um público visado por um determinado estilo de vida ou hábitos de consumo, em vez de se orientar para uma opinião pública” (*ibidem*: 120)

---

<sup>39</sup> Tradução livre de “Any further editing would be too costly and would slow the process down”

O conceito de *Infotainment*, associado às *soft news*, é definido por Zelizer e Allan como “um termo usado para descrever um estilo de texto onde os valores da informação e o entretenimento convergem num esforço para atrair uma audiência tão vasta quanto possível”<sup>40</sup> (2010: 58). As celebridades, o sexo e os escândalos, ou seja os temas sensacionalistas, ganharam importância e tempo de antena. Apesar de ter ganhado espaço entre a audiência, este conceito continua a ser visto de forma negativa pela comunidade de jornalistas. (*idem, ibidem*: 58).

Este formato de notícias mais leve é também menos dispendioso, uma vez que implica menos tempo de investigação e por isso torna-se mais apelativo aos olhos da parte empresarial dos *media*. Por outro lado, o seu carácter leve, muitas vezes sensacionalista, leva a um aumento das audiências. Bonnie Anderson afirma que “nem os dólares nem as audiências são formas de julgar a saúde e o valor do jornalismo ou da nossa sociedade.”<sup>41</sup> (2004, p. 9)

A autora dá dois exemplos desta alteração. No primeiro Anderson cita o julgamento do jogador de basebol O. J. Simpson acusado de homicídio. A autora explica que, durante o tempo do julgamento, “era praticamente impossível colocar no ar qualquer outra notícia”. Esta situação pode ser comparada com o falecimento de Eusébio em que, no dia da morte, o Jornal da Noite apenas mostrou peças sobre o antigo jogador e no dia do funeral foi emitido um especial do Primeiro Jornal, durante 6 horas, em direto, para acompanhar o percurso fúnebre pelas ruas de Lisboa.

O segundo exemplo apresentado por Anderson é a visita do Papa João Paulo II a Cuba e o encontro do chefe da Igreja Católica com o presidente Fidel Castro. O acontecimento contava com jornalistas de todos os meios de comunicação, equipados com material de emissão por satélite e todos os equipamentos necessários para a transmissão em tempo real desse evento. No entanto, alguns dos jornalistas dos principais canais de televisão norte-americanos foram mandados de volta para os Estados Unidos devido à notícia do caso extraconjugal entre o presidente Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinsky. Esta decisão editorial de largar um evento

---

<sup>40</sup> Tradução livre de “a term used to describe a genre of text where information and entertainment values converge in an effort to attract as wide an audience as possible.”

<sup>41</sup> Tradução livre de “Neither the dollars nor ratings are ways to judge the health and value of journalism or of our society”

politicamente interessante para o mundo, com o Papa a “abandar o dedo” e a avisar Castro que devia alterar a sua forma de governo, enquanto pedia aos Estados Unidos para retirar o embargo à ilha, por um escândalo político, na altura ainda não confirmado, apenas se justifica com a corrida das televisões pelas audiências (2004: 17).

## Capítulo 4:

### O Direto e a Verificação de Dados

#### O Jornalismo de Verificação

O conceito de jornalismo de verificação é, por si só, um pleonasmo, uma vez que jornalismo implica a verificação de informação e das fontes. No entanto, Bill Kovach e Tom Rosenstiel apresentam este modelo como um exemplo mais tradicional que tem vindo a perder terreno nos meios, devido à crescente necessidade de publicação imediata:

“Este modelo tem as suas raízes nos primeiros jornalistas profissionais do século XVII, começou a florir no fim do século XIX, e tornou-se mais refinado no século XX. Dá mais importância a ter as coisas certas – em factos em vez de opinião.”<sup>42</sup>  
(2010: 36)

Kovach e Rosenstiel consideram que é a verificação que separa o jornalismo do entretenimento e da propaganda. Desde que surgiu como profissão, o jornalismo tem vindo a acompanhar as alterações da sociedade: começou por ser dominado pela opinião, passou a ser “objetivo”, com a *penny press* do século XIX, e, atualmente, caminha para o conceito de *Infotainment* (Neveu, 2005: 119). A questão da mudança é vital para a profissão e, como explica Ramonet, nos últimos anos, o jornalismo foi a profissão que sofreu mais alterações, nomeadamente com o desenvolvimento informático, a digitalização e o aparecimento da *Internet* (1999, p. 52).

A procura da objetividade tem sido, ao longo dos tempos, uma das principais questões do jornalismo. Kovach e Rosenstiel consideram que a objetividade deve ser vista como um método e que é necessário ter em consideração um conjunto de princípios. Os autores identificam cinco: Não adicionar, não enganar, ser transparente, ser original e ser humilde. Através destes princípios, Kovach e Rosenstiel consideram que o ato de reportar pode ser entendido como um método científico e que é através destas práticas que o jornalista consegue aproximar-se do conceito de objetividade (2007: 89).

---

<sup>42</sup> Tradução livre de “This model has its roots in the first professional journalism of the seventeenth century, began to flower in the late nineteenth century, and became more refined in the twentieth. It places the highest value on getting things right – on facts over opinion.”

Os primeiros dois princípios não requerem explicação: “não adicionar [às notícias] coisas que não aconteceram” e “nunca enganar a audiência” (*ibidem*: 89). Já a questão da transparência apresentada por Kovach e Rosenstiel prende-se com relação de confiança entre o público e o jornalista, onde o jornalista tem o dever de ser honesto para com a audiência, relatando-lhe o que sabe e identificando o que não conseguiu apurar, ou seja, ao revelar o máximo possível sobre as suas fontes e o seu método de investigação, o jornalista mostra à audiência que a respeita e que tem em consideração a relação de confiança que estes depositam no seu trabalho: “A mentira, ou o engano, está em fingir uma onisciência, ou proclamar maior conhecimento do que se tem”<sup>43</sup> (*ibidem*: 92). No fundo, o conceito de transparência está em saber o que a audiência precisa de saber para avaliar, por si só, a informação.

Kovach e Rosenstiel indentificam situações em que os jornalistas usam diversas técnicas de engano para recolher informações em nome da procura pela verdade (*ibidem*: 97); no entanto, esse tipo de relação deve ser evitada: tanto o jornalista como a fonte devem estabelecer uma relação de honestidade e compromisso. Existe um grande número de jornalistas que defende que quando uma fonte, a quem foi garantido o anonimato, fornecer informações falsas, esta deve ser identificada pelo meio de comunicação (*idem, ibidem*: 97). No entanto, os jornalistas apenas devem optar pelo engano, segundo os autores, quando a informação for mesmo vital para a audiência e quando não houver outra forma de conseguir a história. Em ambas as situações, o jornalista deve expor essa situação ao público e explicar a razão que o levou a escolher esse caminho para que a audiência possa decidir se a opção foi, ou não, justificada.

O interesse da fonte pela história é também algo que não deve ser esquecido pelo jornalista. A fonte é sempre parte interessada na história, e isso torna a fonte parcial e incompleta. Por isso existe ainda um movimento apelidado de “disfarce”<sup>44</sup>, onde os jornalistas se fazem passar por outra pessoa para conseguirem a história. Kovach e Rosenstiel apresentam o exemplo de Nellie Bly que se deixou internar num hospício para expor os maus-tratos aplicados aos doentes (*ibidem*: 97).

---

<sup>43</sup> Tradução livre de “The lie, or the mistake, is in pretending omniscience, or claiming greater knowledge than we have”

<sup>44</sup> Tradução livre do conceito “masquerading”.

O conceito de originalidade está diretamente ligado com o de transparência. O jornalista deve ser original e, para isso, deve fazer a sua própria pesquisa e investigação. Ou seja, o jornalista não deve, simplesmente, ir atrás do que os outros meios publicam mas, em vez disso, deve “fazer o seu próprio trabalho” (*idem, ibidem: 99*).

O último princípio de Kovach e Rosenstiel é a humildade. Para além de ser cético, o jornalista deve ser modesto no seu conhecimento e nas suas capacidades e deve conhecer as suas limitações. Assim, o profissional pode evitar falhas como, por exemplo, a identificação da personagem principal do acontecimento ou perder a notícia por não perceber o contexto do que está a acontecer à sua frente. A humildade é o primeiro passo para que o jornalista se prepare melhor antes de ir cobrir um determinado acontecimento (*idem, ibidem: 101*).

Para além destes cinco princípios, Kovach e Rosenstiel apresentam ainda um conjunto de técnicas que ajudam à construção das notícias: os jornalistas devem procurar editar a informação com ceticismo, manter uma lista de rigor (baseada em pontos como, por exemplo, se o material de contexto é suficiente para entender a história, se as citações foram confirmadas, entre outras) e não assumir nada como certo. (*ibidem: 89*)

A principal função do jornalismo é informar a população, com honestidade, integridade e responsabilidade, o que atribui ao jornalista um papel importante na sustentabilidade de uma democracia livre:

“O jornalismo não existe num vacuo; é um elemento fundamental nas vigorosas confirmações e balanços de uma democracia saudável. A opinião das pessoas é formada pelas notícias”<sup>45</sup> (Anderson, 2004: xi)

Por ser parte crucial da construção da opinião pública, o jornalismo não deve viver apenas do imediatismo, mas precisa também de investir na contextualização e no confronto entre o que está a ser dito e o que foi dito anteriormente.

## **A peça, a Grande Reportagem e a relação com o direto**

Durante o nosso estágio na direção de informação da SIC tivemos a oportunidade de aprender como produzir uma Grande Reportagem e peças de

---

<sup>45</sup> Tradução livre de “Journalism doesn’t exist in a vacuum; it is a key player in the vigorous checks and balances of a healthy democracy. People’s opinions are often shaped by the news.”

informação diária e, por isso, podemos identificar alguns pormenores em que os trabalhos em diferido diferem do direto.

Ao acompanhar os vários jornalistas que fazem parte da *pool* do Primeiro Jornal fomos desafiados a produzir uma peça paralela à do jornalista sobre o assunto observado<sup>46</sup>. Para isso, foi preciso ouvir as entrevistas gravadas, confirmar os factos que nos levaram ao local, escrever um texto e editar as imagens do repórter de imagem, estruturando uma peça coerente. O trabalho era posteriormente corrigido pelo jornalista que acompanháramos.

O trabalho de pesquisa e produção foi também o que caracterizou o nosso trabalho durante o período em que estivemos no departamento da Grande Reportagem com o jornalista Pedro Coelho. Foi-nos possível colaborar na produção da Grande Reportagem “Negócio de Famílias”, emitida em a 9 de janeiro de 2014. Tratou-se de um trabalho de investigação sobre um grupo de saúde privado da zona centro, que durou aproximadamente cinco meses; acompanhámos os últimos dois.

Durante todo o trabalho, a verificação da informação recolhida revelou-se determinante. Um exemplo, que comprova essa importância, foi a avaliação do atendimento no departamento de fisioterapia do Centro Hospitalar São Francisco<sup>47</sup>, em Leiria. Fontes do hospital informaram o jornalista que os terapeutas estavam a prestar um mau serviço aos pacientes por serem forçados pela administração a atender o dobro dos doentes que, eticamente, deviam ser atendidos por hora. Para confirmar essa situação, utilizámos uma lista de utentes do serviço de fisioterapia do CHSF. Depois de obtidos os contactos, falámos com vários utentes a fim de apurarmos a sua opinião. Dos 350 pacientes na lista contactámos 46, mas apenas validámos a opinião de 16<sup>48</sup>. Com este trabalho conseguimos apenas recolher três opiniões que demonstravam desagrado quanto ao serviço; como tal, a informação não foi tida em conta para a reportagem.

Outra situação em que a provas foram cruciais para a investigação foi a cobrança indevida de pinças de biópsia aos pacientes e ao serviço médico dos funcionários públicos, a ADSE, que teriam sido usadas durante

---

<sup>46</sup> Ver Anexo 9.

<sup>47</sup> O CHSF tinha sido adquirido pelo grupo Sanfil ao Estado, na sequência da nacionalização do BPN.

<sup>48</sup> O elevado número de indivíduos contactados que não correspondiam à lista justifica-se com o nome das pessoas ser, por diversas vezes, igual. Por diversas vezes nos apareceram dois ou mais números associados a um determinado nome.

colonoscopias/endoscopias com sedação. Para comprovar essa situação entrámos em contacto com vários pacientes que tinham feito o exame de diagnóstico em questão e solicitámos que nos enviassem uma cópia das faturas discriminadas, destinadas à ADSE, comprovativas das despesas a participar. Dos sete contactados, três concordaram em colaborar connosco enviando-nos a fatura, sob a condição de que nenhum dado pessoal fosse publicado. A situação identificada foi comprovada em todos os casos.

Os exemplos citados são característicos da informação em diferido por dispor de mais tempo de preparação. O Livro de Estilo do Público define reportagem de investigação:

“A reportagem de investigação permite proporcionar ao leitor algo mais do que as simples aparências, as meras evidências e a interpretação imediata. É verdade que o jornalismo é a procura da atualidade e da notícia e não se confunde com a pretensão de a fabricar. No entanto, sem investigação, o jornal e o jornalista transformam-se em simples caixas de ressonância ou em porta-vozes de campanhas.” (Público, 2005: 51).

A questão identificada no Livro de Estilo do Público como “porta-vozes de campanha” é o que José Manuel Mestre<sup>49</sup> chama de “porta-microfone”. O jornalista explicou que, no seu dia-a-dia, tenta sempre dar ao espetador a sua interpretação e colocar o seu olhar quando entra em direto. Para isso, é necessária uma preparação que, no caso da transmissão em tempo real, tem de ser prévia. Com base na experiência adquirida, José Manuel Mestre reconhece que as falhas de preparação podem prejudicar o direto, deixando o jornalista nervoso. A preparação deve ser feita tanto antes de o jornalista ir para o local como no momento que chega ao acontecimento. Previamente, o profissional deve saber o que vai reportar, como no caso de Joaquim Franco em que o jornalista já conhecia a realidade por ter sido destacado para cobrir o isolamento da aldeia em anos anteriores. No local, para além da análise dos imprevistos que possam acontecer, o jornalista deve investir no contacto com as fontes, sejam elas oficiais ou não. No caso de Reguengos do Alviela, Joaquim Franco conseguiu falar com uma moradora, um elemento dos bombeiros que era responsável pela travessia entre a aldeia isolada e a população mais próxima e o presidente da Câmara Municipal de Santarém (por telefone).

---

<sup>49</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório. Ver Anexo 4.

A preparação e a investigação são partes inerentes do jornalismo uma vez que, não estando preparado, o jornalista pode incorrer em erros, perder a essência de um momento, ou deixar-se manipular por um entrevistado. Mesmo as entrevistas feitas em estúdio e transmitidas em direto requerem pesquisa por parte do profissional da informação. Kovach e Rosenstiel citam o exemplo de Mike Wallace, que passou cerca de 55 horas a preparar a entrevista de H. R. Haldeman (condenado por conspiração na sequência do caso Watergate) (2010: 128). No entanto, se o entrevistado anunciar durante a entrevista um elemento novo a que o jornalista nunca teve acesso durante a preparação, este não tem capacidade de confirmar a veracidade desse elemento. Para além disso, o jornalista está ainda dependente do entrevistado que pode controlar o tempo das respostas, muitas vezes com o intuito de evitar questões mais incómodas.

## Conclusão

A temática dos diretos, que desenvolvemos ao longo deste relatório, partiu de um questionamento de base: de que forma é utilizado o direto nos canais de notícias 24h? Com o início da investigação e a leitura de vários artigos sobre o tema, a questão complexificou-se, dando origem aos quatro capítulos que apresentámos neste trabalho.

Ao tentarmos entender o que levava os canais a colocar um jornalista em direto, ou a transmitir um acontecimento, tendo por base o trabalho de Casella e analisando as emissões da SIC e da SIC Notícias, podemos concluir que o recurso ao direto tem vindo a revelar fortes sinais de banalização, ao transmitir à audiência a ideia de que o canal está no local para acompanhar todos os momentos do acontecimento. Esta vertente pode estar relacionada com o aparecimento dos canais de notícias 24h, que aumentaram exponencialmente o tempo de antena e, por isso, podem investir na transmissão em tempo real de um acontecimento, independentemente da hora a que este se realiza.

O aumento do tempo de antena pode ter trazido vantagens, mas também acarreta desvantagens: quanto maior o número de horas de emissão, maior o risco de banalização do direto. Neste contexto, o direto transforma-se na forma mais imediata de preencher a emissão. Os canais de notícias investem, agora, mais na transmissão de acontecimentos, debates, comissões de inquérito, festivais e cerimónias, como a homenagem que a Câmara Municipal de Lisboa prestou ao Benfica, por ocasião da vitória no campeonato de futebol da primeira liga e na Taça de Portugal.

Nada disto podia ser possível se não tivéssemos assistido a uma evolução tecnológica associada à emissão em tempo real. O aparecimento dos pequenos aparelhos, que permitem a transmissão de imagem e som a partir de qualquer sítio onde haja cobertura de rede 3G ou 4G, permite ao jornalista libertar-se do pesado cabo que o agarrava aos carros de satélite. Mesmo assim, esta liberdade é apenas fictícia, uma vez que o jornalista se torna refém dos *teradeks*. Estes aparelhos tornam a emissão em direto mais barata, por terem tarifários fixos mensais que não variam consoante a utilização, revelando-se, assim, mais apelativa para os canais.

A imposição do mercado exige, hoje em dia, uma informação imediata e de custo baixo e, nesse contexto, o direto tem conquistado terreno. No entanto, será pertinente colocar uma questão: deverá a televisão focar-se apenas no imediatismo? Depois de desenvolver este trabalho, podemos concluir que não. O direto é importante e deve ter o seu espaço nos alinhamentos informativos, mas, mesmo em direto, é determinante para a população que o jornalista não perca o papel de mediador, situação que acontece em alguns exemplos que recolhemos. Esse é, alias, o papel essencial do jornalismo numa democracia livre. É, portanto, necessário haver um equilíbrio entre o jornalismo de investigação, o jornalismo com contexto e o imediato, principalmente quando nos referimos aos canais de informação.

O avanço das *soft news*, em detrimento dos temas como política e economia, tem reflexos, igualmente, na definição e na abordagem dos temas tratados em direto. Na nossa análise às emissões informativas da SIC e SIC Notícias, pudemos confirmar esta tendência, nos sucessivos diretos dos treinos da seleção nacional para o mundial de futebol.

Os canais de notícias 24h impõem ainda aos jornalistas um novo conjunto de *deadlines*: o jornalista é pressionado a colocar no ar a informação o mais rapidamente possível, em direto ou em diferido. Esta pressão pode levar, muitas vezes, a erros que descredibilizam tanto o profissional como o canal. Por outro lado, por serem canais de contacto, o jornalista é forçado a permanecer no local até que o acontecimento termine.

Voltamos a citar o exemplo do início do julgamento de Manuel “Palito”, onde a jornalista destacada entrou no Primeiro Jornal e no noticiário das 15h (da SIC Notícias) com um falso direto e nos noticiários das 16h, 17h e 18h em direto. Em todas as situações, a jornalista transmitiu a mesma informação, uma vez que o julgamento decorria à porta fechada. Colocamos duas questões: Será mesmo necessário entrar em direto de hora a hora para dizer a mesma coisa? Não poderia o jornalista libertar-se do direto e investir na reportagem para que fosse feita uma peça informativa mais completa? Nós acreditamos que sim, uma vez que essa libertação permite ao jornalista recuperar a sua capacidade de fazer reportagem junto de possíveis fontes. O jornalista que anda no terreno pode recolher mais dados e

atualizar a informação, ao passo que, se estiver constantemente em direto, vai limitar-se a repeti-la.

A questão da apresentação de Casella, ou seja, mostrar à audiência que o repórter está no local a acompanhar o acontecimento, pode ser afetada, mas será isso o mais importante? Acreditamos que, num caso como este, a apresentação não é crucial e é mais importante para os espectadores entenderem o contexto do processo. Devemos, no entanto ressaltar, que a questão dos julgamentos à porta fechada é uma situação particular onde não existem avanços informativos a serem relatados, sendo que esta conclusão não pode ser generalizada.

Quanto ao mimetismo dos três canais de informação, no caso português, podemos associar a nossa opinião à do jornalista José Manuel Mestre, dizendo que é necessário que algum dos canais tenha a ousadia de seguir um caminho diferente. É facilmente questionável a importância de existirem três canais a emitir, em direto, o mesmo discurso ou o mesmo debate. Sem o papel do jornalista, as três transmissões não têm diferenças. É o jornalista, com a sua interpretação, como nos explicou José Manuel Mestre<sup>50</sup>, e com a capacidade de questionar o que foi dito, que faz a diferença. Essa mediação do jornalista é essencial, e, por vezes, o direto peca por não ter esse filtro.

No fundo, com este trabalho pudemos identificar as vantagens e desvantagens da transmissão em tempo real, enquanto a relacionávamos com o aparecimento dos canais 24h. Se, por um lado, para o espectador o direto tem a capacidade de o transportar para o local do acontecimento, em qualquer parte do mundo, no momento em que este está a decorrer, por outro, em situações onde o jornalista perde o seu papel de mediador, a falta de contextualização pode deixar o espectador desamparado e promover o desinteresse por determinado assunto. É preciso, como José Manuel Mestre nos explicou, que o jornalista não desista de mediar um acontecimento por lhe serem impostas limitações (de tempo, técnicas, etc.). Para o jornalista, o direto permite emitir uma informação em tempo real; no entanto, a pressão dos canais para serem os primeiros a emitir condiciona o trabalho de pesquisa e verificação de dados do jornalista. No fundo, é necessário, como foi referido, equacionar de forma equilibrada o uso do direto e do diferido, de modo a

---

<sup>50</sup> Entrevista realizada a 5 de junho de 2014, na sequência da produção deste relatório. Ver Anexo 4.

que a informação chegue aos espectadores de forma cuidada e interessante, para que sirva de base na construção de opinião.

## Bibliografia

Anderson, B. M., 2004. *News Flash - Journalism, Infotainment, and the Bottom-line Business of Broadcast News*. San Francisco: Jossey-Bass.

Anderson: J. & Ward, G., 2007. *The Future of Journalism in the Advanced Democracies*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.

Canavilhas, J., 2001. *Televisão - O domínio da Informação-espectáculo*, s.l.: Universidade da Beira Interiro.

Casella, A., 2012. Breaking News or Broken News?. *Journalism Practice*, pp. 362-376.

Góis, V. S. d., 2010. *A Ética da Imagem e a Informação Jornalística*, s.l.: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Inmarsat plc., 2013. *BGAN - Inmarsat*. [Online]  
Available at: <http://www.inmarsat.com/service/bgan/>  
[Acedido em 29 Abril 2014].

Kovach, B. & Rosenstiel, T., 2007. *The Elements of Journalism*. Nova Iorque: Three Rivers Press.

Kovach, B. & Rosenstiel, T., 2010. *Blur - How to know what's true in the age of information overload*. Nova Iorque: Bloomsbury.

Lewis, J., Cushion, S. & Thomas, J., 2005. Immediacy, Convenience or Engagement? An analysis of 24-hour news channels in the UK. *Journalism Studies*, pp. 461-477.

Mestre, J. M., 2011. *Breve Abordagem às Técnicas do Direto Televisivo*. s.l.:s.n.

Mestre, J. M., 2014. *Jornalista e Professor* [Entrevista] (5 Junho 2014).

Neveu, É., 2005. *Sociologia do Jornalismo*. Porto: Porto Editora, lda.

- Público.pt, 2012. "*Lamento muito, mas fui mesmo embarretado*", diz Nicolau Santos. [Online]  
Available at: <http://www.publico.pt/portugal/noticia/lamento-muito-mas-fui-mesmo-embarretado-diz-nicolau-santos-1578521>  
[Acedido em 25 Abril 2014].
- Público, 2005. *Livro de Estilo*. Lisboa: Público - Comunicação Social, SA.
- Ramonet, I., 1999. *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo das Letras.
- Santos, J. R. d., 2003. *Em direto da guerra - O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico*. s.l.:Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, L. d. & Teves, V. H., 1971. *Vamos Falar de Televisão*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Teradek LLC, 2014. *Teradek Bond H.264 Bonded Cellular Broadcast Solution*.  
[Online]  
Available at: <http://www.teradek.com/pages/bond>  
[Acedido em 25 Abril 2014].
- Tuggle, C. A. & Huffman, S., 1999. Live news reporting: Professional judgment or technological pressure? A national Survey of television news directors and senior reporters. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, pp. 492-505.
- Tuggle, C. A. & Huffman, S., 2001. Live Reporting in Television News: Breaking News or Black Holes?. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, pp. 335-344.
- Woodrow, A., 1991. *Informação Manipulação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Zelizer, B., 1992. CNN, the Gulf War, and Journalistic Practice. *Journal of Communication*.
- Zelizer, B. & Allan, S., 2010. *Keywords in News and Journalism Studies*. Berkshire: Open University Press.

# Anexos

## Anexo 1 – Calendário dos estagiários e legenda

ESTAGIÁRIOS																																	
Nome	Início	Fim	Setembro																														
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
Nuno Batista Belo	01-04-2013	30-09-2013	JN	JN	JN	JN	JN										JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN					
André Jesus	29-04-2013	28-10-2013	EDT	EDT	EDT	EDT	EDT										EDT	EDT	EDT	EDT	EDT			EDT	EDT	EDT	EDT	EDT				EDT	
Bárbara Ferreira	29-04-2013	28-10-2013	EDT	EDT	EDT	EDT	EDT										PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ				PJ	
Maria Abrantes	29-04-2013	05-11-2013			FS	FS	FS										FS	FS	FS						FS	FS	FS	FS	FS				FS
Linda Cunha	11-06-2013	10-12-2013	Online	Online									Online	Online				EDT	EDT	EDT	EDT	EDT										EDT	
Margarida Gaspar	11-06-2013	10-12-2013	EDT	EDT	JN	JN	JN										JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN					
Maria Inês Nunes	11-06-2013	10-12-2013															EDT	EDT	EDT	EDT	EDT			EDT	EDT	EDT	EDT	EDT					EDT
Francisco Rodrigues	29-07-2013	31-12-2013		AG	AG	AG	AG	AG									AG	AG	AG	AG	AG			Online	Online	Online						Online	
Ana Ribeiro	29-07-2013	31-12-2013		OP	OP	OP	OP	OP									OP	OP	OP	OP	OP												OP
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014															AG	AG	AG	AG	AG											AG	
Janete Vigia	09-09-2013	08-03-2014															AG	AG	AG	AG	AG												AG
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014																															OP

ESTAGIÁRIOS																																		
Nome	Início	Fim	Outubro																															
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
André Jesus	29-04-2013	28-10-2013	EDT	EDT	EDT	EDT											EDT	EDT	EDT	EDT	EDT													EDT
Bárbara Ferreira	29-04-2013	28-10-2013	PJ	PJ	PJ	PJ											PJ	PJ	PJ	PJ	PJ													PJ
Maria Abrantes	29-04-2013	05-11-2013	FS	FS	FS	FS											FS	FS	FS															FS
Linda Cunha	11-06-2013	10-12-2013	EDT	EDT														EDT	EDT	EDT	EDT	EDT												EDT
Margarida Gaspar	11-06-2013	10-12-2013															JN	JN	JN	JN	JN													JN
Maria Inês Nunes	11-06-2013	10-12-2013	EDT	EDT	EDT	EDT											EDT	EDT	EDT	EDT	EDT													EDT
Francisco Rodrigues	29-07-2013	31-12-2013	Online	Online	Online	Online											Online	Online	Online	Online	Online													Online
Ana Ribeiro	29-07-2013	31-12-2013	OP	OP	OP	OP											J	J	J	J	J													J
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014	AG	AG	AG	AG											AG	AG	AG	AG	AG													AG
Janete Vigia	09-09-2013	08-03-2014	AG	AG	AG	AG											AG	AG	AG	AG	AG													AG
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014	OP	OP	OP	OP											OP	OP	OP	OP	OP													OP
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014																																AG
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014																																AG
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014																																Online

			ESTAGIÁRIOS																														
Nome	Início	Fim	Novembro																														
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
María Abrantes	29-04-2013	05-11-2013	FS			FS	FS																										
Linda Cunha	11-06-2013	10-12-2013	EDT	D		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C
Margarida Gaspar	11-06-2013	10-12-2013	JN			JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN		
Maria Inês Nunes	11-06-2013	10-12-2013	EDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C		EDT	CEDT	CEDT	CEDT	CEDT	C
Francisco Rodrigues	29-07-2013	31-12-2013	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ													PJ	PJ	PJ	PJ	PJ	
Ana Ribeiro	29-07-2013	31-12-2013											FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS		FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS		
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014				GR	GR	GR	GR	GR			GR	GR	GR	GR	GR			GR	GR	GR	GR	GR			GR	GR	GR	GR	GR		
Janete Vigia	09-09-2013	08-03-2014	J			EDT	D	EDT	D	EDT	D										EDT	D	EDT	D	EDT	D		EDT	D	EDT	D	EDT	D
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP		
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG		
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG		
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014	Online			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online		

			ESTAGIÁRIOS																														
Nome	Início	Fim	Dezembro																														
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Linda Cunha	11-06-2013	10-12-2013	EDT	C	EDT	C	EDT	C	EDT	C			EDT	C	EDT	C																	
Margarida Gaspar	11-06-2013	10-12-2013	JN	JN	JN	JN	JN					JN	JN																				
Maria Inês Nunes	11-06-2013	10-12-2013	EDT	C	EDT	C	EDT	C	EDT	C			EDT	C	EDT	C																	
Francisco Rodrigues	29-07-2013	31-12-2013	PJ	PJ	PJ	PJ	PJ					PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ		PJ	PJ		PJ	PJ
Ana Ribeiro	29-07-2013	31-12-2013										FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS		FS	FS		FS	FS
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014	GR	GR	GR														GR	GR	GR	GR	GR			GR	GR		GR	GR		GR	GR
Janete Vigia	09-09-2013	08-03-2014	EDT	C	EDT	C	EDT	C	EDT	C			EDT	C	EDT	C										EDT	C	EDT	C	EDT	C	EDT	C
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014	OP	OP	OP	OP	OP					EDT	C	EDT	C	EDT	C			EDT	C	EDT	C	EDT	C			EDT	C	EDT	C	EDT	C
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014	AG	AG	AG	AG	AG				Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online							
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014	AG	AG	AG	AG	AG				AG	AG	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN		JN	JN		JN	JN	
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014	Online	Online	Online	Online	Online				AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG		AG	AG		AG	AG	
Rita Teixeira	02-12-2013	01-06-2014	AG	AG	AG	AG	AG				AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG		AG	AG		AG	AG	
Catarina Cardoso	02-12-2013	01-06-2014	OP	OP	OP	OP	OP				OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP		OP	OP		OP	OP	

		ESTAGIÁRIOS																															
Nome	Início	Fim	JANEIRO																														
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ												PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ
Janete Vigia	09-09-2013	10-03-2014	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C												EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014						Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online			FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014	JN												Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG					AG	AG	AG	AG	AG
Rita Teixeira	02-12-2013	01-06-2014	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG				AG	AG	AG	AG
Catarina Cardoso	02-12-2013	01-06-2014	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP
Carolina Carvalho	22-01-2014	21-07-2014																															
Ana Rita Pinto	20-01-2014	19-06-2014																					AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG

		ESTAGIÁRIOS																																
Nome	Início	Fim	FEVEREIRO																															
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28				
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ						PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ	
Janete Vigia	09-09-2013	10-03-2014			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C						EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C														EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014			FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS						FS	FS	FS										
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014			Online	Online	Online	Online	Online			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C						EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C			
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014			EMD	EMD	EMD	EMD	EMD			EMD	EMD	EMD	EMD	EMD						EMD	EMD	EMD	EMD	EMD			EMD	EMD	EMD	EMD	EMD	
Rita Teixeira	02-12-2013	01-06-2014			FS	FS	FS															FS	FS	FS	FS	FS			24	FS	FS	FS	FS	
Catarina Cardoso	02-12-2013	01-06-2014										JN	JN	JN	JN	JN						JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN	
Carolina Carvalho	22-01-2014	21-07-2014			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP						OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP	
Ana Rita Pinto	20-01-2014	19-06-2014			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG						AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG	
Ana Sofia Ferreira	03-02-2014	02-08-2014			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG						AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG	
Diana Oliveira	24-02-2014	23-08-2014																																
Vanessa Pereira	24-02-2014	23-08-2014																																

		ESTAGIÁRIOS																																	
Nome	Início	Fim	MARÇO																																
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31		
Filipa Traqueia	09-09-2013	08-03-2014			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ																										
Janete Vigia	09-09-2013	10-03-2014			EDT D	EDT D	EDT D	EDT D	EDT D			EDT C																							
Luís Fernandes	30-09-2013	29-03-2014			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C				EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C			EDT C	EDT C	EDT C	EDT C	EDT C				
Ana Eugénia Inácio	21-10-2013	20-04-2014			FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS				FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS	FS	FS	FS			FS	
Marlene Sofia Ferreira	21-10-2013	20-04-2014										EDT D	EDT D	EDT D	EDT D	EDT D				EDT D	EDT D	EDT D	EDT D	EDT D			EDT D	EDT D	EDT D	EDT D	EDT D			EDT D	
Ana Rita Santos	21-10-2013	20-04-2014			EMD	EMD	EMD																												EDT C
Rita Teixeira	02-12-2013	01-06-2014	FS			FS	FS	FS	FS	FS			FS	FS													FS	FS	FS	FS	FS			FS	
Catarina Cardoso	02-12-2013	01-06-2014			JN	JN	JN	JN	JN			JN	JN	JN	JN	JN				JN	JN	JN												JN	
Carolina Carvalho	22-01-2014	21-07-2014			Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online	Online	Online				Online	Online	Online	Online	Online			Online	Online	Online						
Ana Rita Pinto	20-01-2014	19-06-2014			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ				PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	PJ	PJ	PJ	PJ			PJ	
Ana Sofia Ferreira	03-02-2014	02-08-2014			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG				AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	
Diana Oliveira	24-02-2014	23-08-2014			OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP				OP	OP	OP	OP	OP			OP	OP	OP	OP	OP			OP	
Vanessa Pereira	24-02-2014	23-08-2014			AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG				AG	AG	AG	AG	AG			AG	AG	AG	AG	AG			AG	

Legenda	
Opinião Pública	OP
Agenda	AG
Madrugada	
Ed Meio Dia	EMD
Ed Tarde	ET
Ed Manhã	EM
Ed Noite	EN
Editoria Economia	EDT E
Editoria Sociedade	EDT S
Editoria Política	EDT P
Editoria Desporto	EDT D
Editoria Cultura	EDT C
Fim de semana	FS
Primeiro jornal	PJ
Online	Online
Jornal da Noite	JN
Acompanha jornalista	J
Grande Reportagem	GR

## Anexo 2 – Alinhamento do Primeiro Jornal

<i>Data</i>	<i>Tema</i>	<i>Formato</i>	<i>Duração</i> <sup>51</sup>
<b>17/05/2014</b>			
<b>18/05/2014</b>	Final da Taça de Portugal	Direto	2'55
	Final da Taça de Portugal – Adeptos do Benfica	Falso Direto	2'07
	Inauguração da nova parte do Mercado da Ribeira	Direto	2'59
<b>19/05/2014</b>	Bebé retirado a casal irlandês por maus tratos em Albufeira	Falso Direto	1'18
<b>20/05/2014</b>			
<b>21/05/2014</b>	Incêndio num armazém em Lisboa	Direto	5'29
	Incêndio num armazém em Lisboa – Visto de longe	Direto	2'22
	Incêndio num armazém em Lisboa (atualização)	Direto	3'03
	Incêndio num armazém em Lisboa – Visto de longe	Direto	2'17
	Neve na Serra da Estrela	Falso Direto	1'04
	Início dos treinos da Seleção Nacional	Direto	1'29
<b>22/05/2014</b>	Julgamento de Manuel “Palito”	Falso Direto	1'10
<b>23/05/2014</b>	Aumento da tensão na Ucrânia na semana das eleições	Falso Direto	1'42
	Chegada do autocarro do Atlético de Madrid ao hotel	Direto	2'21
	Controlo <i>anti-dopping</i> no 3º dia do treino da seleção nacional	Falso direto com peça em diferido integrada	0'49 + 0'17 1'05
<b>24/05/2014</b>	<i>Champions</i> – Adeptos espanhóis no Estádio da Luz	Direto	2'19
	<i>Champions</i> – Ecrãs do trânsito das Estradas de Portugal por causa dos autocarros espanhóis	Direto	2'56

<sup>51</sup> A duração foi contabilizada, com o recurso a um cronómetro, desde o momento em que o pivot passa a emissão para o jornalista que está no local. Os dados recolhidos, por terem por base uma reação face à percepção do momento, podem variar da realidade em, sensivelmente, 2 segundos acima ou abaixo.

<b>24/05/2014</b>	<i>Champions</i> – Hotel do Real Madrid	Direto	3'09
	<i>Champions</i> – Hotel do Atlético de Madrid	Direto	3'01
	<i>Champions</i> – Parque temático no Terreiro do Paço	Direto	1'37
<b>25/05/2014</b>	Europeias em Faro, Coimbra, Viseu e Bragança	Falso Direto	2'56 (0'44 + 0'45 + 0'45 + 0'41)
	Votação e entrevista a Cavaco Silva	Direto	3'51
<b>26/05/2014</b>	Comemorações do 130º aniversário do Jardim Zoológico de Lisboa	Direto	5'22
	Comemorações do 130º aniversário do Jardim Zoológico de Lisboa (2ª Parte)	Direto	6'19
	Preparação da Seleção Nacional para o Mundial do Brasil	Direto com TH	3'15 (1'52 + 1'23)
<b>27/05/2014</b>	Não há ainda reações à declaração de António Costa sobre a intensão de liderar o PS	Direto	1'53
	Segundo dia de estágio da Seleção Nacional em Óbidos	Direto com TH	2'29 (1'56 + 0'33)
<b>28/05/2014</b>	Comemorações do 130º aniversário do Jardim Zoológico de Lisboa	Direto com Falso Direto e duas peça em diferido integrada	8'47 (2'02 + 0'36 + 6'09)
	Comemorações do 130º aniversário do Jardim Zoológico de Lisboa (2ª Parte)	Direto com três peças em diferido integradas	16'19 (6'17 + 5'15 + 2'29 + 2'18)
	Terceiro treino da Seleção Nacional em Óbidos	Direto com TH	4'24 (3'12 + 1'12)
<b>29/05/2014</b>	Declarações de António José Seguro que lamenta a guerra que se passa no PS	Direto	0'41
	Manifestação a exigir o aumento do Salário Mínimo Nacional em Santa Maria da Feira	Direto	2'52

<b>29/05/2014</b>	Esfaqueamento de uma mulher no Algarve	Falso Direto	1'40
	Rock in Rio – Fãs já estão à espera para a noite dos Rolling Stone	Direto com peça em diferido integrada	5'48 (2'51 + 2'57)
	Cristiano Ronaldo, Pepe e Fábio Coentrão já treinam com a Seleção Nacional	Direto com TH e com peça em diferido integrada	6'50 (2'57 + 1'05 + 2'48)
<b>30/05/2014</b>	Moção de Censura do PCP ao Governo	Direto com duas peças em diferido integradas	8'00 (2'35 + 5'25)
	Moção de Censura do PCP ao Governo chumbada	Direto	3'33
	Cristiano Ronaldo e Pepe não jogam no particular contra a Grécia	Direto com TH e peça em diferido integrada	6'52 (1'33+ 1'52 + 3'27)

### Anexo 3 – Alinhamento da Edição da Tarde

<i>Data</i>	<i>Noticiário</i>	<i>Tema</i>	<i>Formato</i>	<i>Duração</i> <sup>52</sup>	
<b>17/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Final Taça de Portugal – Benfica vs. Rio Ave (CI)	Direto	41'32	
	Noticiário das 17h	Paulo Portas discursa sobre o fim do memorando da <i>Troika</i>	Direto	22'39	
<b>18/05/2014</b>	Especial Desporto – Final da Taça de Portugal <sup>53</sup>	Adeptos do Benfica	Direto	5'40	
		Centro de Estágios do Benfica	Direto	2'57	
		Centro de Estágios do Rio Ave	Direto e TH	5'23	
		Centro de Estágios do Rio Ave	Direto	3'11	
		Partida do autocarro do Benfica	Direto	0'15	
		Partida do autocarro do Rio Ave	Direto	2'14	
		Adeptos do Rio Ave e adeptos do Benfica no Jamor	Direto	2'03	
		Ambiente de festa à volta do Jamor	Direto	3'47	
		Chegada do Autocarro do Benfica	Direto	4'14	
		Chegada do Autocarro do Rio Ave	Direto	1'43	
		Adeptos do Rio Ave	Direto	2'36	
		Adeptos do Rio Ave em Vila do Conde	Direto	2'58	
		Adeptos espera para entrar no Jamor	Direto	12'02	23'07
		Problemas entre adeptos e a polícia na entrada do estádio	Direto	11'05	
		Fim da barreira policial na entrada do estádio	Direto	1'37	
Noticiário das 18h	Declarações da PSP sobre problemas na entrada para o Jamor	Direto	7'16		

<sup>52</sup> A duração foi contabilizada, com o recurso a um cronómetro, desde o momento em que o pivot passa a emissão para o jornalista que está no local. Os dados recolhidos, por terem por base uma reação face à percepção do momento, podem variar da realidade em, sensivelmente, 2 segundos acima ou abaixo.

<sup>53</sup> Devido à final da Taça de Portugal, a SIC Notícias emitiu um Especial Desporto, em direto, com comentadores em estúdio, com a transmissão contínua de imagens em direto sobre os comentários e com diversas passagens de emissão para jornalistas no campo.

<b>19/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Retirada das tropas russas da Ucrânia	Falso direto por telefone	2'08	
	Noticiário das 16h	Retirada das tropas russas da Ucrânia	Falso direto por telefone	2'08	
	Noticiário das 17h	Retirada das tropas russas da Ucrânia	Falso direto por telefone	2'08	
	Noticiário das 18h	Retirada das tropas russas da Ucrânia	Falso direto por telefone	2'08	
	Especial Desporto <sup>54</sup> – Cerimónia de homenagem ao Benfica	Adeptos do Benfica esperam equipa à frente da Câmara Municipal de Lisboa	Direto	4'28	6'59
		Salão Nobre da Câmara Municipal está pronto para a cerimónia	Direto	2'31	
		Chegada do autocarro do Benfica e saída dos jogadores para a Câmara Municipal	Direto	5'04	49'19
		Jogadores chegam ao Salão Nobre e cerimónia (Discurso de António Costa/Discurso de Luís Filipe Vieira)	Direto	11'06 (6'06/ 5'33)	
		Receção dos Adeptos ao discurso	Direto	2'25	
		Troca de lembranças	Direto	3'08	
Jogadores vão à varanda da Câmara Municipal		Direto	15'03		
Fim da cerimónia e tentativa de entrevista a António Costa (não realizada)		Direto	2'41		
Jogadores voltam para o autocarro	Direto	9'52			
<b>20/05/2014</b>	Noticiário das 15h				
	Noticiário das 16h				
	Noticiário das 17h				

<sup>54</sup> A SIC Notícias emitiu uma emissão especial para acompanhar a homenagem da Câmara Municipal ao Benfica por ter vencido a Taça de Portugal, a Taça da Liga e o Campeonato Nacional

<b>20/05/2014</b>	Noticiário das 18h			
<b>21/05/2014</b>	Noticiário das 15h			
	Noticiário das 16h	Conferência de imprensa de Bruno Alves	Direto	4'03
	Opinião Pública <sup>55</sup>	Início do treino da Seleção Nacional aberto à comunicação social	Direto	1'56
		Entrevista aos adeptos que assistem ao treino	Direto	7'02
		Primeiros dias de estágio servem para avaliar a condição dos jogadores	Direto e TH	3'42
	Noticiário das 18h	Fernando Seara apresenta candidatura à presidência da Liga dos Clubes	Direto	2'33
		Fernando Seara chega e faz discurso	Direto	21'58
Final do Treino da Seleção Nacional		Direto	5'42	
<b>22/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Julgamento de Manuel "Palito"	Falso Direto	1'10
	Noticiário das 16h	Julgamento de Manuel "Palito" (Atualização)	Direto	2'20
	Noticiário das 17h	Julgamento de Manuel "Palito" (Atualização)	Direto	2'26
	Noticiário das 18h	Julgamento de Manuel "Palito" (Atualização)	Direto	2'20
<b>23/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Controlo <i>anti-dopping</i> no 3º dia do treino da seleção nacional	Falso direto com peça em diferido integrada	0'49 + 0'17 1'05
		Tensão na Ucrânia	Falso Direto	2'11
	Noticiário das 16h	Tensão na Ucrânia	Falso Direto	2'11
	Noticiário das 17h	Conferência de imprensa do Real Madrid e do Atlético de Madrid	Direto	30'01
<b>24/05/2014</b>	Noticiário das 15h	<i>Champions</i> – UEFA autoriza a transmissão do jogo	Direto	2'46
		<i>Champions</i> – Terreiro do Paço	Direto	3'30
		Dia pré-eleitoral na Ucrânia	Falso Direto	2'03
	Noticiário das 16h	<i>Champions</i> – Adeptos no Estádio da Luz	Direto	4'17

<sup>55</sup> Devido ao início dos estágios da Seleção Nacional, a SIC Notícias emitiu um Opinião Pública dedicado à equipa portuguesa.

<b>24/05/2014</b>	Noticiário das 16h	<i>Champions</i> – Adeptos do Real Madrid à porta do hotel	Direto	2'18
		<i>Champions</i> – Hotel do Atlético de Madrid	Direto	3'14
	Opinião Pública	<i>Champions</i> – Hotel do Real Madrid	Direto	3'45
		<i>Champions</i> – Hotel do Atlético de Madrid	Direto	3'28
		<i>Champions</i> – Estádio da Luz	Direto	3'45
		<i>Champions</i> – Estádio da Luz (estacionamento)	Direto	2'21
		<i>Champions</i> – Rossio	Direto	3'05
		<i>Champions</i> – Saída do Atlético de Madrid do hotel	Direto	2'58
	Especial Desporto – Final da <i>Champions</i> <sup>56</sup>	Estádio da Luz	Direto	1'48
		Chegada do autocarro do Real Madrid ao Estádio da Luz	Direto	0'31
		Chegada do autocarro do Atlético de Madrid ao Estádio da Luz	Direto	1'55
		Rossio – Adeptos do Real Madrid	Direto	3'57
		Estádio da Luz – Entrada dos adeptos do Atlético de Madrid	Direto	4'19
		Explosão dos adeptos do Rossio porque o Real Madrid entrou em campo	Direto	5'13
Adeptos do Atlético a entrar no Estádio da Luz		Direto	2'21	
Estádio do Real Madrid		Direto	3'01	
<b>25/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Europeias em Faro, Coimbra, Viseu e Bragança	Falso Direto	2'56 (0'44 + 0'45 + 0'45 + 0'41)
	Noticiário das 16h	Abertura das portas do Rock in Rio	Direto com peça em diferido integrada	2'11 + 0'15 1'04

<sup>56</sup> Devido à final da Champions, a SIC Notícias emitiu um Especial Desporto, em direto, com comentadores em estúdio, com a transmissão contínua de imagens em direto sobre os comentários e com diversas passagens de emissão para jornalistas no campo.

<b>25/05/2014</b>	Noticiário das 17h				
	Especial Rock in Rio <sup>57</sup>	Abertura de portas às 16h e atualização	Direto	2'18	15'09
		Entrevista a Roberta Medina (Vice-presidente do RiR)	Direto	7'01	
		Entrada dos fãs – Roberta Medina esperou na fila para entrar	Direto	0'50	
		Entrevistas ao público	Direto	4'28	
		Síntese das Bandas do RiR	Direto	0'32	
		Transportes para o RiR	Direto	0'23	5'40
		Entrevista ao DJ Ride	Direto	3'09	
		Parceria SIC/RiR	Direto	0'49	
		Horário do Palco Mundo	Direto	1'19	
	Emissão Especial Eleições Europeias <sup>58</sup>	Sede de campanha da Aliança Portugal	Direto	1'08	5'28
		Entrevista a Paulo Rangel	Direto	2'35	
		Paulo Rangel entra no edifício	Direto	1'35	
		Sede de campanha do PS	Direto	1'39	4'02
		Percurso dos militantes quando saírem os resultados	Direto	2'23	
		Sede de campanha do Bloco de Esquerda	Direto	1'45	2'59
		Bar da sede de campanha do Bloco de Esquerda	Direto	1'14	
		Sede de campanha da CDU	Direto	2'01	3'19
		Preparação da sala do discurso da CDU	Direto	1'18	
	Emissão Especial Eleições Europeias	Chegada e entrevista a Francisco Assis	Direto	3'00	

<sup>57</sup> Por ser patrocinador oficial, a SIC emitiu uma emissão especial sobre o Rock in Rio

<sup>58</sup> Devido às Eleições Europeias, a SIC Notícias emitiu uma Emissão Especial para acompanhar os dados das eleições e a chegada dos líderes parlamentares e candidatos às sedes de campanha.

<b>25/05/2014</b>	Emissão Especial Eleições Europeias	Aliança Portugal espera resultados no Parque das Nações	Direto	1'01
		Presidenciais na Ucrânia	Direto	1'55 + 1'39 + 1'10
		Chegada e entrevista a Nuno Melo	Direto	3'46
		Parque das Nações espera os líderes de CDS e do PSD	Direto	1'12
		Entrevista a Ana Gomes na sede do PS	Direto	2'43
		Não está mais ninguém do PS para reagir à abstenção	Direto com TH	1'19 + 0'12
		Sede de campanha do Bloco de Esquerda	Direto	0'17
		Reação à abstenção de Mariana Mortágua	Direto	2'00
		Reação da CDU à abstenção	Direto	1'53
		Reação de João Proença à abstenção	Direto	3'24
		Chegada de Marisa Matias	Direto	1'24
		Entrevista a José Matos Correia sobre a abstenção	Direto	1'18
		Chegada de Paulo Portas	Direto	2'34
		Sala da Aliança Portugal	Direto	1'58
		Militantes esperam chegada de Passos Coelho	Direto	1'29
Chegada de Passos Coelho	Direto	0'29		
<b>26/05/2014</b>	Noticiário das 15h			
	Noticiário das 16h	Início do treino da Seleção Nacional em Óbidos	Direto com TH	4'37 (3'14 + 1'23)
	Noticiário das 17h	Início do treino da Seleção Nacional em Óbidos	Direto	4'21
	Noticiário das 18h	Apresentação da moção de censura do PCP ao Governo	Direto	10'06
		Apresentação de Sérgio Conceição como treinador do Sporting de Braga	Direto	4'16

		Fim do treino da Seleção Nacional em Óbidos com controlo anti-dopping	Direto com TH	4'45 (3'22 + 1'23)	
<b>27/05/2014</b>	Noticiário das 15h				
	Noticiário das 16h	Segundo dia de estágio da Seleção Nacional em Óbidos	Direto com TH	5'11 (4'03 + 1'08)	
	Noticiário das 17h				
	Noticiário das 18h	Declaração de Jerónimo de Sousa sobre Eleições Europeias	Direto	1'27	
		Declaração de Francisco Assis face ao anúncio de António Costa	Direto	6'39	
Seguro defende-se com os estatutos do PS do anúncio de António Costa		Direto	2'18		
Segundo dia de estágio da Seleção Nacional em Óbidos sem os jogadores do Real Madrid		Direto com TH	5'20 (3'49 + 1'31)		
<b>28/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Jorge Lacão demite-se da direção de António José Seguro	Direto	4'14	
		João Galamba faz declarações sobre a situação Costa vs. Seguro	Direto	0'19	
		Transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias	Direto	22'23	1'39'09
		Ambiente de confusão e declarações nos corredores da Assembleia da República	Direto	0'59	
		Transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias (continuação)	Direto	4'55	
		Declarações de Vieira da Silva sobre a situação Costa vs. Seguro	Direto	3'10	
		Transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias (continuação)	Direto	37'18	
		Declaração de Fernando Jesus sobre a situação Costa vs. Seguro	Direto	1'08	
		Transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias (continuação)	Direto	10'28	1'39'09

		Declaração de Nuno Sá sobre a situação Costa vs. Seguro	Direto	4'10	
<b>28/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Transmissão das declarações políticas dos partidos sobre os resultados das Eleições Europeias (continuação)	Direto	14'34	1'39'09
	Opinião Pública	António Costa sai da Câmara Municipal	Direto	0'29	
		Declaração de Miguel Laranjeiro sobre a situação Costa vs. Seguro	Direto	4'20	
		Chegada de António Costa ao Largo do Rato	Direto	2'41	
	Noticiário das 18h	António Costa está reunido com António José Seguro	Direto	2'05	
		Terceiro dia de treino da Seleção Nacional com tarde de folga	Direto com TH	5'08 (3'56 + 1'12)	
<b>29/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Abertura de portas do Rock in Rio	Direto	2'15	
		Declaração de Nuno Sá sobre a posição do PS na moção de censura ao Governo	Direto	5'19	
		Esfaqueamento de uma mulher no Algarve	Falso Direto	1'40	
		Discurso do Primeiro-ministro no Congresso das Misericórdias	Direto	22'02	
	Noticiário das 16h	Segundo dia do Rock in Rio com concerto dos Rolling Stones	Direto	1'47	4'49
		Fãs dos Rolling Stones à espera do concerto	Direto	2'19	
		Fãs esperam para entrar desde as 6 da manhã	Direto	0'43	
		Entrevista a Roberta Medina	Direto	3'25	7'16
		Brindes e animação no Rock in Rio	Direto	2'20	
		Fãs que estiveram no primeiro concerto dos Rolling Stones em Portugal	Direto	0'49	
		Alinhamento provável do concerto	Direto	0'32	
		Treino da Seleção Nacional com cinco jogadores lesionados	Direto com TH	6'08 (4'23 + 1'45)	

	Noticiário das 17h	Declaração de Arménio Carlos sobre a reunião do aumento do Salário Mínimo	Direto	4'49
		Abertura da Feira do Livro de Lisboa	Direto	3'39
<b>29/05/2014</b>	Opinião Pública	Declaração de Mota Soares sobre aumento do Salário Mínimo	Direto	5'01
		António Costa chega à Feira do Livro de Lisboa	Direto	0'58
	Noticiário das 18h	Declaração de António Costa na Feira do Livro de Lisboa	Direto	5'04
		Reunião do PS sobre a votação na moção de censura	Direto	2'46
		Manifestantes invadem o Ministério das Finanças	Direto	4'18
		Treino da Seleção Nacional com cinco jogadores lesionados	Direto com TH	5'52 (4'11 + 1'41)
<b>30/05/2014</b>	Noticiário das 15h	Carlos Zorrinho e Seguro chegam à reunião do Secretariado Nacional do PS	Direto	3'26
	Noticiário das 16h	Reunião do Secretariado Nacional do PS	Direto com THs	2'54 (1'23 + 0'12 + 0'36 + 0'43)
		Rock in Rio – Terceira noite com Likin Park e Queens of the Stone Age	Direto	1'05
		Rolling Stones juntaram várias gerações e pessoas de vários países	Direto	0'15
		Minoria preferiu outras atividades no parque	Direto	0'16
		Rock Street é inspirada em Londres	Direto	0'19
		Existem muitas bandas e atividades na Rock Street	Direto	2'53
		Salto atuam hoje no palco Vodafone	Direto	0'18
		Entrevista aos Salto	Direto	4'37
		Horário do Palco Mundo	Direto	1'24
		Cristiano Ronaldo e Pepe não jogam no particular contra a Grécia	Direto com THs	8'23 (5'07 + 1'53 + 1'23)
				9'31

	Noticiário das 17h			
		Terminou a reunião do Secretariado Nacional do PS	Direto	1'25
<b>30/05/2014</b>	Opinião Pública	Francisco Assis fala depois da reunião do Secretariado Nacional do PS	Direto	5'12
	Noticiário das 18h	Terminou a reunião do Secretariado Nacional do PS	Direto com THs	3'30 (2'29 + 0'48 + 0'13)
		Cristiano Ronaldo e Pepe não jogam no particular contra a Grécia	Direto com TH	2'16 (1'11 + 1'05)
		Conferência de Imprensa de Fernando Santos sobre o jogo Portugal vs. Grécia	Direto	25'23

## Anexo 4 - Entrevista completa ao jornalista José Manuel Mestre

### **Quais são as vantagens que o direto traz?**

É estar lá, ver com os próprios olhos. A grande vantagem do direto é essa: é a pessoa sentir-se transportada para o acontecimento ou o acontecimento ser levado à casa das pessoas sem mediação. As pessoas gostam, muitas vezes, de não ter mediação, de ver com os seus próprios olhos. Não podendo estar lá, querem ver aquilo tudo sem edição. Por exemplo, a queda da ponte Entre-os-Rios: as pessoas se não podem lá ir querem ser transportadas para lá, e apareceram, na altura, milhares de pessoas porque não conseguiam ver tudo na televisão e queriam ir ver melhor. A grande vantagem do direto para mim é esta: a proximidade. A proximidade é uma das principais, se não a principal estratégia ou o principal elo de ligação para a comunicação entre o emissor e o recetor. E o direto cria proximidade.

### **E as desvantagens?**

A desvantagem... Para a pessoa é, também, não haver mediação. A vantagem dos meios e do jornalista é pôr na hora o acontecimento na casa das pessoas. Isso é uma vantagem para os dois lados. A desvantagem para o espectador é não ter amparo, muitas vezes, porque falta a mediação do que está a acontecer; para o jornalista o grande problema é a falta de capacidade de mediar um direto.

### **Se os espectadores gostam da proximidade que o direto traz, mas se este meio peca pela contextualização e mediação da parte do jornalista, então a audiência prefere a forma que lhe traz menos informação...**

O espectador é voyeurista sempre, o jornalista é que não deve ser. Ou não deve ceder ao facilitismo. E esse é o grande desafio do jornalista. O problema é que o direto às vezes está a acontecer e o próprio [jornalista] não tem informação suficiente para ser mediador. Não pode deixar que o protagonista tome conta do direto, que o acontecimento tome conta de tudo, da antena, o que já não é jornalismo. Dou o exemplo das transmissões em direto das comissões parlamentares. No caso dos debates, muitas vezes, há jornalismo. Nas televisões menos, mas na rádio, porque não há imagem, a Maria Flor Pedrosa (Antena 1) e a Judith Menezes e

Sousa (TSF) fazem uma mediação enorme de um debate parlamentar na Assembleia da República. E mesmo a televisão vai fazendo... O problema é que na Assembleia as condições de trabalho também não são muito boas para isso. Mas o jornalista tem sempre de encontrar formulas para evitar que a comunicação se estabeleça completamente direta. É a diferença entre o jornalismo e o não jornalismo.

Portanto, é fantástico chegar lá mas é preciso muito cuidado a fazer isso. Os novos meios que permitem um *teradek* com 4 ou 6 *pens* fazer diretos em condições quase perfeitas na hora em qualquer sítio, desde que haja boa rede de telemóvel. É o sonho de qualquer jornalista. É o sonho porque pode não ter de estar à espera uma hora para mostrar o que está a acontecer. O perigo, por isso é que eu lhe chamo o perigo, o risco é [o jornalista] desapropriar-se da sua função. Passar a ser o jornalista inexistente.

### **Mas nessas situações o jornalista não perde o seu papel de moderador e de contextualizador?**

Perde. Isso é como diz o Ramonet... E eu digo até muito mais: o repórter quando está em direto é prisioneiro de tudo, dos cabos das câmaras... Ele como está preso à antena tem uma grande dificuldade em conseguir alhear-se do que está a acontecer, e portanto o que está a acontecer toma um bocado conta do seu trabalho. E ele tem dificuldade em ser moderador porque, às vezes, ainda não percebeu o que está a descrever ou o que está a tentar ajudar a explicar às pessoas... E isso é muito limitativo.

Eu dou o exemplo pessoal: incomodou-me sempre imenso as comissões parlamentares de inquérito. As comissões duravam seis horas, [divididas] em três rondas e eu via os três canais de notícia a irem em direto para lá durante duas horas, três horas sem interrupção. Não havia noticiários, não havia jornalista... Porque a sala é muito pequenina e o jornalista não pode falar, não tem sequer condições técnicas para isso. Um dia calhou-me ir. Eu cheguei lá e quis saber como é que eu podia [fazer a mediação]. E não podia, não havia condições. A única coisa que mudava, em relação à ARtv, eram as frases. Até porque o sinal era o da ARtv. Na primeira vez deparei-me com uma série de problemas porque as pessoas não estavam à espera. Às tantas aquilo incomodou-me e disse que queria fazer. Quando

percebi que tinha de mover montanhas disse: ‘não, mas eu não quero entrar [na sala]. Quero é saber como fazer quando quiser entrar em direto’. Eu queria estar sempre em direto para poder dizer: ‘o que este senhor está a dizer é diferente do que disse antes’. Eu tenho de dizer às pessoas, tenho de enquadrar. Daquela vez não foi possível, mas entretanto fui saber o porquê e da vez seguinte cheguei lá e fiz. E toda a gente notou a diferença. Não fui lá para dentro: há uma televisão cá fora, e tinha lá um sofá, sentei-me e estive a ver o que as pessoas estavam a ver. Estava a ouvir mas não deixei ninguém usar o espaço mediático. Dá trabalho e o jornalista muitas vezes é preguiçoso. Não foi fácil criar aquelas condições, elas não existiam, mas passaram a existir... O jornalista não pode ceder, se não mata o jornalismo. Se dá na ARtv porque é que eu hei-de ver na SIC Notícias, na TVI24, na RTP Informação? O jornalismo tem de ser mais, tem de ser crítico, tem de ter um olhar, uma interpretação, alguém tem de estar lá a interpretar.

Outra situação é ir a um sítio e combinarmos [entre jornalistas] a escolha dos mesmos vivos. Eu recuso-me a trocar impressões numa campanha eleitoral com o companheiro da televisão ou da rádio ao lado. Eu escolho a minha. Porque se nós trocamos impressões corremos o risco dar as nossas opiniões e chegar a um máximo denominador comum. E qual é a diferença? Eu prefiro falhar uma coisa do que privar o espectador do que é o meu exercício. É para isso que eu lá estou. Ou seja, o jornalista tem sempre alguma coisa a acrescentar, tem de interpretar, é para isso que ele é jornalista, se não era um porta-microfone.

E aqui temos ainda um outro fenómeno: o político toma conta da antena. Normalmente, o político está disponível para responder a uma ou duas perguntas, e muitas vezes não está. E o tempo que o jornalista tem para ser mediador, para dizer “cuidado que o que este senhor está a dizer não é exatamente isso” [não é o mesmo]. E ainda por cima o risco que tem numa sociedade em que a política ainda é vista como um clube de futebol, em que se ele disser “cuidado que este senhor está a dizer isto mas ele fez ontem o contrário”, muita gente reage mal achando que o jornalista tem uma camisola vestida. Quando o que ele tem a fazer é o seu papel de jornalista, de mediador, de dizer “cuidado que esta informação está truncada”. Mas como eles ocupam longas horas de antena de microfone aberto, em que dispõem de tudo, dispõem de nós espectadores, o jornalista não dispõe do mesmo tempo... O

jornalista tem um minuto para fazer a síntese, não pode analisar ponto por ponto. Isso é muitas vezes feito em estúdio por analistas para dissecarem as coisas. Mas esse tipo de direto a que as televisões de notícias em Portugal recorrem todas, é um fenómeno quase mimético, toma conta de nós espectadores e retira aos jornalistas o papel de mediador, de alguém que serve de travão e que diz “não, daquilo que este senhor disse só me interessa isto, não me interessa o discurso todo”.

**Já para não falar tipo de linguagem que muitas vezes os políticos usam nos seus discursos e que é de difícil compreensão para os espectadores...**

Isso é um perigo. Aliás, o direto é um perigo tremendo e o jornalista tem de saber isso. Ele não pode nunca deixar que ninguém lhe pegue no microfone. O microfone é a arma do jornalista e está sempre na sua mão. Mas, muitas vezes [o jornalista] esquece-se que quando abrimos a antena para outro microfone, que nós não controlamos, falar ou mostrar a imagem, nós perdemos o controlo. E se os canais generalistas, nos seus espaços de jornais de hora do almoço e do jantar ainda têm critério e o espaço não é tomado por ser muito breve, nos canais de notícias, até no mesmo acontecimento, nas mesmas cheias por exemplo, aparece o presidente da câmara, aparece o bombeiro, aparece uma série de gente que têm imenso tempo... Eu chamo a isto a presa fácil: O jornalista é uma presa fácil e há muitos leões a quererem comer essa presa. E eles quando veem lá o jornalista tentam comê-lo. Tentam chegar às pessoas diretamente sem crivo nenhum, porque no direto não há crivo nenhum. Obviamente que o jornalista tem o cuidado de ouvir as associações representativas, os políticos, ou seja, para não por o microfone à frente do cidadão comum porque pode acontecer o pior, não é? Ele tenta fazer: “ok, estes são representantes de alguém.” Tenta dar a voz a representantes para se proteger. E qualquer acontecimento é o melhor exemplo disso: se nós virmos um incêndio, se nós virmos uma derrocada... O que é que vai, às vezes, fazer um presidente de câmara a uma derrocada? Não vai fazer nada! Quem está lá para resolver isso são os bombeiros. O presidente de câmara vai ali para tomar conta do espaço público... Aliás ele vai lá empatar o tempo de profissionais ou dos voluntários que estão a tentar resolver o problema.

### **Mas o jornalista aqui acaba por pactuar com um momento de campanha...**

Acaba. Até porque depois temos outro fenómeno: como há pessoas especializadas para fazer esse papel, e nós temos de explicar a situação, e como na presença de um político todos os técnicos que poderiam rapidamente explicar se calam para dar a vez ao político... E o jornalista precisa de pessoas que lhe expliquem o que está a acontecer. Então é o político que vem explicar o que aconteceu. E na maior parte dos casos [os políticos] não tem qualificações para isso... Não tem que ser ele, não deveria ser ele! Mas o jornalista está aqui outra vez nas mãos de quem toma conta do espaço público.

### **Como é que costuma ser utilizado o direto na SIC e na SIC Notícias?**

O direto na SIC é uma coisa rara. É preciso, normalmente, haver um motivo muito forte para a SIC abra antena para um direto. Quando há acontecimentos de última hora, inesperados, tragédias ou outras situações que justifiquem o direto. Cheias, por exemplo. Mostrar acontecimentos que estão a decorrer, que têm um relevo e uma importância muito grande, que nos levam a estar em direto pela sua exceção. A regra do direto da SIC é ser curto, muito breve, muito sintético e mostrar o mais possível do que está a acontecer. Portanto o direto da SIC é de grandes acontecimentos, sobretudo inesperados e exige rapidez, exige muito boas imagens e exige a presença lá.

O direto da SIC Notícias é um direto um bocado banalizado. A SIC Notícias faz diretos por tudo e por nada... Conhecendo a realidade podemos achar que é a forma da SIC Notícias tem de preencher um espaço de antena alargado, mas eu não diria isso. Pelo menos eu acho que não deve ser essa a lógica do direto. É preciso refletir sobre isso... Mas existe uma estratégia de antena para isso sobretudo pela falta de capacidade de produção durante a tarde. No entanto é preferível recuperar peças, porque a SIC Notícias é um canal de contacto, foi para isso que nasceu. E por mais minutos que tente ter o espectador preso à SIC Notícias, este deve continuar a ser um canal de contacto. Portanto, o direto longo e massado muitas vezes mata essa lógica.

A SIC Notícias também resolve acompanhar debates e comissões de inquérito porque acha que esse é o seu *core business*. Ou seja é um público que tem tempo,

que tem um nível cultural e de atenção ao fenómeno político acima da média. E eu estou a falar disto sem conhecimento de causa dos estudos que existam agora, mas parto desse pressuposto... Daí acompanhar muitas comissões de inquérito. E, por exemplo, transmite os discursos que o Primeiro-ministro faz, porque mexem connosco. Mas se acompanha os do Primeiro-ministro também tem de acompanhar os dos líderes das oposições. E portanto há aqui uma tentativa de estabelecer equilíbrios.

Se há muita gente na rua a manifestar-se, e se isso atingiu uma dimensão muito grande a SIC Notícias também faz a cobertura. Mas esse tipo de direto é um direto que exige, sobretudo da parte do repórter, não a capacidade de síntese, de observação e de ajudar o Repórter de Imagem a colher as melhores imagens, mas a capacidade de sofrimento para conseguir sucessivamente ir mostrando e contando coisas diferente e não tornar aquele direto uma coisa insuportável... O que muitas vezes acontece quando estamos num acontecimento destes que demora muito tempo.

### **O aparecimento dos canais de notícias 24h influenciou a lógica de marcação de eventos?**

Mudou tudo. Os protagonistas e utilizadores do espaço mediático mudaram completamente as estratégias. Primeiro, porque com os canais de notícias havia um papel de quase serviço público: nós vamos dar em direto este acontecimento de um político que dê uma conferência de imprensa às 20h da noite ou porque é o Primeiro-

-ministro a anunciar um aumento de impostos, ou é o Presidente da República para fazer um anúncio muito importante... Ou é alguma coisa que tem a ver com a vida de todos nós ou o decisor editorial do jornal não quer. Passou a ser menor o direto. O direto que era normal acontecer no jornal da noite, agora é remetido para o canal de notícias. Ou seja, os utilizadores do espaço mediático, para conseguirem entrar em direto num dos jornais [dos canais generalistas] têm de ter um assunto com um grau de interesse tão generalista e importante para muita gente para que eles lhes deem voz. E também não têm mais de 3 minutos para lhes dar. Já não tinham antes. Eles faziam diretos e apareciam os primeiros 3 minutos [dos discursos]. Era a estratégia de dizer, às 8 da noite, em 3 minutos o que era importante. Hoje eles mudaram

completamente a forma de comunicação, pelo menos na política: os canais de notícias têm uma antena de 24 horas para preencher e não têm a capacidade de produção própria nem há notícias para esse tempo. Acaba por ser novidade qualquer pequena coisa que aconteça. E os profissionais de utilização do espaço mediático sabem disso e, em vez de se concentrarem em 3 minutos, passaram a fazer intervenções de, por vezes, mais de uma hora. Era impensável acontecer às oito da noite (a não ser num congresso porque era preciso passar um conjunto de ideias e fazer balanços). No máximo era entre 20 minutos e meia hora. Hoje quanto mais tempo têm, mais vendem o peixe. Mudou toda a estratégia nos canais. Agora a televisão passou a ser muito mais exigente. Exigente no sentido lato, não no sentido rigoroso do termo. Mais exigente com o que entra no jornal das 8h e da 1h. No telejornal só entram em direto algumas, mais relacionadas com acontecimentos fora de série (quando digo fora de série digo extraordinários, que não estão previstos). E aí vêm as tragédias, as cheias, os incêndios, um conjunto de coisas que fazem as pessoas parar para ver “Oh meu Deus, que é isto?”, ”Olha o que é isto!” Pode ser também no sentido fantástico, espetacular... “olha que espetáculo!” Vêm cá os Stones e temos um direto no Jornal da Noite com eles... Quanto à política, foi quase banida. No entanto os diretos [nesta área] não mudaram muito a lógica do Jornal da Noite. A lógica dos telejornais continua a ser o direto de 2, 3 minutos. O que me pedem muitas vezes é: “eu vou aí mas há pouco para contar a não ser que tu me contes isso num minuto”. “Não, eu conto em 40 segundos”. E adoro fazer esses diretos. É dar duas ideias e meia: uma contada, um bocadinho, e mais outra só dita e depois meio um cheirinho... 40, 45 segundos e é dizer “nós estamos cá, e isto é importante e porque é que é importante”.

### **E na utilização dos diretos? Houve alteração?**

Sim, cada vez mais. A SIC Notícia tinha que o ter, e tinha que o ter em maior dose. Na altura, o próprio custo do direto obrigava a uma utilização não tão excessiva. Hoje, posso correr o risco de estar a falar como velho do restelo, mas eu acho que o que é posto em causa é, muitas vezes, o jornalismo. No entanto a SIC Notícias abriu uma janela para o direto que fazia falta. Nós antes não tínhamos um debate mensal numa televisão. Hoje, se calhar por força disso, passou a ser quinzenal. E é

impensável para muita gente não assistir ao debate quinzenal, pelo menos de vez em quando. Isso é uma riqueza. Hoje o parlamento é uma coisa aberta.

No futebol, e em particular [nos eventos relacionados com] a seleção nacional, é considerado o evento extraordinário para a guerra das concorrências. Tal como o crime e os grandes julgamentos que entram, às vezes, sem grandes desenvolvimentos e se for a espremer a informação que está lá é zero. Alias, os diretos que fizeram do caso Maddie era do tipo da seleção nacional, mas nos canais generalistas. Porque os canais generalistas não estão disponíveis a diretos grandes, exceto em assuntos de grande audiência. E portanto, ali prevalece, em assuntos de grande audiência, a quase a lógica da programação. O futebol, como normalmente é vivido com paixão pelos cidadãos, é um assunto de grande audiência. Por pouco que haja para dizer. Ou seja, aquilo que para o cidadão comum e para o jornalismo é zero, faz parar milhares de pessoas.

Mas depois há aqui um outro problema também complicado: Se um dos canais de notícias sai de um destes acontecimentos as audiências são sempre baixinhas. Quando comparamos a audiência da SIC Notícias às 10h30 e a de qualquer canal generalista, aquilo é uma gota de água num oceano. E é muito feito das pessoas que ficam a ver determinados produtos. [Os canais de informação] são canais de contacto, portanto à hora certa as pessoas vão lá para ver, para ficar a saber o que se passa de mais importante no mundo. Já viram, saem. Depois há outras, as pessoas que estão em casa, que são um bocadinho mais exigentes e querem saber o que se passa no mundo. E de repente ficam. E se há um canal que deixa a seleção, por exemplo, às 10h30 porque acha que não está a acontecer nada, entre as 10h30 e as 11h a audiência é zero. Eu fiz esse teste. Quando eu era diretor-adjunto da SIC Notícias transmitíamos os debates mensais e abandonávamos a transmissão nos momentos que considerávamos menos importantes. Um dia pus-me a analisar as audiências para ver o que acontecia: a SIC Notícias vinha a zero. E nessa altura o canal 2, que também fazia transmissão, subia. Porque ao começarmos a transmitir em direto [o acontecimento], todas as pessoas que não queriam ver o debate mudavam de canal. Problema: se eu deixo [a transmissão], aqueles [que ficaram a ver] também vão embora, porque estão lá só para ver aquilo e mudam para outro

canal. Há aqui um fenómeno mimético, ninguém sai porque tem medo de perder os poucos que os estão a ver.

O caso dos programas de futebol, por exemplo, que dão às segundas-feiras à noite e que agora começam antes das 22h. Porque eles estão com medo dos outros e se os outros começam às 9h50, nós começamos às 9h45. Não vá alguém fugir. Do meu ponto de vista isto é muito grave, porque ao fazerem isto todas as outras pessoas são excluídas. É a sobrevivência que está em causa e que leva a ter certos cuidados e preocupações. O mercado é ótimo porque nos faz desafiar, mas o mercado também, num país pequeno como o nosso onde não há notícias, é, por vezes, muito limitativo. E esse é um desafio que os jornalistas e os programadores têm de saber vencer. Na área da informação têm de ter isso em conta para que os resultados sejam melhores para o jornalismo. Embora não haja jornalismo sem independência financeira.

O fenómeno da seleção é uma loucura. Esta seleção não ganhou nada, não existe, não vai ganhar aparentemente nada, só um milagre, será a mais fraca seleção que temos nos últimos anos, e são tratados como heróis. É ridículo! Motas atrás do autocarro da seleção nacional, sem nada para dizer, horas e horas a fio. Quem tiver a ousadia de dizer “eu não vou por este caminho” ganha muito mais do que quem vai por este caminho. Se calhar falta esta ousadia... Alguém assumir esse risco. Uma final da *Champions* é um momento único excepcional. Tem aquelas características de excecionalidade. A seleção nacional ganha o campeonato do mundo ou chega a um patamar nunca alcançado, é compreensível. Mas estamos a partir para uma coisa que já é banal. Aqui há uns anos íamos poucas vezes lá mas agora vamos lá todos os campeonatos. Mas as televisões têm de sobreviver porque se não, não há jornalismo, não há televisões.

A concorrência devia ajudar mas nós temos um fenómeno sempre mimético. Todos os canais foram cópias da SIC Notícias. Hoje a grande parte continua a ser... E eu não percebo porque é que em todos os canais a hora do desporto é às 12h30. No desporto fizeram o mesmo que na política: tudo acontece ao meio dia e meia. Mas antes não, antes as conferências eram depois das 13h. Passou a acontecer tudo àquela hora. Está aqui uma mimetização gravíssima. A SIC Notícias tem aqui uma vantagem e devia e continua a fazê-lo: quem é líder deve traçar caminhos, mas quem

desafia o líder também deve traçar caminhos novos, não tem de desafiar só pela mimetização.

Hoje o direto é muito mais barato. É um produto muito barato, muito acessível. Não custa mais estar 10 horas em direto do que estar uma. Quanto mais tempo estivermos em direto, mais barato fica e isto torna-se complicado quando temos um país muito pequenino. É difícil assegurar 24 horas de informação, é muito difícil. Sobretudo neste país pequenino e para o fazer são precisos muitos meios.

**Mas agora é mais fácil e mais barato estar em direto. Esta facilidade traz mais vantagens ou mais desvantagens?**

Traz as duas coisas. Eu há uns anos, quando estava na rádio, bastava-me uma cabine telefónica, no início, e depois bastava-me um telemóvel para entrar em direto de quase todos os sítios. Bastava-me um daqueles sistemas de comunicação de rádio telefone. Em televisão era tudo muito pesado, era preciso um carro de exteriores que em alguns sítios nem entrava. Agora com as novas tecnologias 3G e 4G nós fazemos o direto de qualquer sítio. Isso é fantástico! É uma arma fantástica. Era o meu sonho! Era eu na câmara e emitir logo. Isso já existe hoje. O problema é que isto se tornou no inimigo do jornalismo. Porque, a partir do momento em que existe este meio barato (e como a dispersão das audiências e a divisão dos públicos leva também a um corte de receitas) faz com que muitas vezes, sem espaço para a triagem, se esteja lá em direto. E então isto é um perigo. Ao mesmo tempo uma maravilha da tecnologia, o nosso sonho como repórteres é o nosso pesadelo como repórteres. Porque querem que nós sejamos os primeiros a chegar lá e que sejamos os últimos a sair de lá. E o jornalista precisa de ir falar com as fontes, de se desligar do cabo da antena e não consegue porque não o deixam. Ele não é livre. Se fossem dois ou quatro jornalistas à vez... O problema é que o jornalista muitas vezes está sozinho, porque nós vivemos com muitas limitações. E esta democratização do direto é, ao mesmo, tempo uma grande inimiga do espectador: por um lado porque podemos ter todos os *sites* em direto e sem qualquer triagem, sem qualquer trabalho jornalístico, mas por outro o jornalismo a sério tem dificuldade em fazer essa destrição porque o próprio jornalista tem de estar em direto...

Nós, Portugal, não temos capacidade de receita para termos 3 repórteres num direto. Porque se nós tivermos 3 repórteres, enquanto um está em direto, os outros podem estar a recolher informação. E sempre que isso acontece, isso traduz-se numa riqueza enorme porque há sempre um repórter que aparece em antena para acrescentar informação e contextualizar. Mas quando é só um, e normalmente é só um. E ele está condicionado àquilo que lhe chega, àquilo que vê e o jornalista tem de ver os 360°. Sozinho, ele tem dificuldade em vê-lo. Portanto, é uma questão de recursos económicos, de opções. O jornalismo é uma atividade que dificilmente pode ser lucrativa. Mas primeiro que tudo deve ser completa. E com a multiplicidade de meios, cada vez mais a fonte está acessível à pessoa que está em casa. A televisão é um meio caro. E se cada vez mais chegamos a menos gente, a publicidade será mais barata, as receitas serão inferiores, e a capacidade de ter mais jornalistas também. O jornalismo de investigação faz-se, precisa-se de tempo para ir mais além e o direto é a mesma coisa. O direto não é só estar em direto...

**Então o direto, bem feito, com vários jornalistas pode ser um jornalismo de investigação em tempo real...**

O jornalismo investigação exige muito: exige um cruzamento de informação muito mais aprofundado. Mas pode ser num acontecimento podemos estar a dar os primeiros passos na investigação e podemos não cair na esparrela de dar a primeira coisa que nos aparece à frente da câmara, ou que nos contam. É o grande risco do direto. Porque ao chegamos lá tão depressa, tão depressa que não há [possibilidade de investigar]. E essa é a melhor definição que eu encontrei em termos de teoria para o risco do direto.

**Sobre a questão da banalização do direto: quando o espectador questiona a razão de ser do direto, de que forma é que esta má utilização pode influenciar a estação?**

Se o jornalista dá opinião, misturando-a com o seu exercício, nos Estados Unidos é comum, mas, em Portugal, o jornalista dizer dar uma opinião clara, é mortal para ele porque há um conjunto de pessoas para as quais ele morreu. É sobretudo na

credibilidade. A credibilidade é fator mais importante para jornalista e para o meio de comunicação, que leva mais tempo, é mais difícil de conquistar e que pode perder-se num momento. Portanto esse preço é enorme.

Banalizar o direto, sem informação é um risco grande. Quando é feito é na convicção que chega a mais audiência. Mas depende do grau de banalização, depende do que é feito no direto. Pode ser banalizado na sua utilização mas ser um direto limpo. Portanto, aí, se a pessoa não tiver uma revolta contra aquilo, não é grave. Agora, a banalização do direto é sempre um risco porque se não afetar a credibilidade afeta, pelo menos, a proximidade. “Epá estes tipos são uns chatos, só dão isto”. O fator de proximidade, eu considero-o muito importante porque eu acho que tudo se mede pela proximidade: a proximidade que eu tenho com aquele assunto, emocional, geográfica, profissional, afetiva... Afetiva com o canal. Eu vejo aquele canal porque ele me dá o que eu gosto. Os diretos são o que eu gosto de ver, se não são, não vejo. Na informação corre-se esse risco. A peça jornalística, se for bem-feita, atrai as pessoas, o direto se for bem feito também. Se é um direto enorme e interminável, não pode ser bem feito, pode ser sofrível, pode ser mediano... Agora se num direto enorme o jornalista consegue “desarrincanços” (no sentido de sacar bons momentos, ter conversas)... Há formas de lhe dar a volta. O importante é a surpresa permanentemente. Se eu nesse direto conseguir surpreender as pessoas, eu até as posso conquistar. Do nada eu fazer nascer pedras, é um milagre porque as pedras não nascem, não é? No último congresso do CDS aconteceu-me uma coisa: tinha que entrevistar pessoas, entrar num momento de banalização, de certo modo. Era preciso ganhar tempo porque não íamos sair dali para outra coisa. E eu fui ter com uma senhora que tinha um certo rosto de um certo CDS e a senhora disse que não falava. Eu só tinha aquele tempo, já tinha falado com outra e corria um risco enorme de ir para a terceira. A outra tinha sido fraquinha e a terceira, se fosse também fraquinha, aquilo tornava-se num fiasco completo. E eu resolvi desafiar a senhora: fazer um braço de ferro fictício com ela. “Vou-te pôr a falar” e ganhei esse braço de ferro. Banalizei o direto, ele já era banal e então eu fui ao desafio. Ganhei, podia tê-lo perdido. Mas seu fosse para a outra pessoa e fosse igual às outras duas tinha-o perdido também.

O direto é muito exigente. A primeira coisa é a responsabilidade que ele tem, não pode ir para ali para parecer. Aquele é um momento supremo, é, e deve ser, um espaço sagrado.

### **Quando está em direto, quais são as principais preocupações que tem?**

Estar preparado. Dominar o assunto, daí o tal problema quando nós chegamos e não dominamos. Saber o que está a acontecer. Saber o enquadramento todo para ter alternativas. Saber os riscos que há é fundamental para mim. Até o entrosamento com o câmara... Eu tenho de ir prepará-lo para riscos que tenhamos. E depois saber o que perguntar. Normalmente, eu tenho perguntas sempre para fazer, perguntas que eu acho que têm de ser feitas. A minha lógica é qual é A pergunta. E depois qual é A outra pergunta. E faço esse exercício até esgotar as perguntas, ou aquelas que são factíveis. Até chego à sexta pergunta, mesmo que haja só três, não esteja eu a esquecer-me de alguma. Depois é nunca facilitar, nem na forma como coloco da abordagem, nem na linguagem que utilizo (não pode ser nem difícil e inacessível nem fácil). Mas nunca facilitar a abordagem ao entrevistado. O estar preparado, com tudo o que isso implica, é o primeiro segredo. Até porque se não estou preparado estou nervoso. Se eu estiver nervoso a coisa vai correr mal. E a melhor forma de não estar nervoso é estar à vontade com o que tenho de fazer. Há matérias em que é mais difícil e eu, com estes anos todos, às vezes, ainda é difícil porque pode-me fugir, posso hesitar, por serem áreas que eu domino menos bem. O jornalista tem de saber qual é A pergunta. E depois é ter uma ótima relação profissional com o câmara, o que em televisão é fundamental. O jornalista sozinho não existe. O câmara sozinho é mais fácil de existir. As pessoas pensam sempre no jornalista... Combinar muito bem o direto: quando vai ao jornalista, tirar o câmara de cima dele. Esta é preocupação enorme que eu tenho. Aqui na SIC não temos esse problema, mas eu às vezes vejo coisas na concorrência horríveis. Quando o câmara fica em cima de nós, em vez de mostrar [o acontecimento]. Eu não quero o câmara, as pessoas não já me conhecem. Se há acontecimento vão para o acontecimento. O pior é quando ele tem de vir para mim é porque não há mais nada para mostrar, e eu aí tenho de encurtar. E depois é ser sintético, claro, incisivo. Acho que claro é a melhor definição.

### Anexo 5 – Exemplo do *Planning* (dia 11 de fevereiro de 2014)

Story Slug	Object Placeholder	Hora Saída	Hora do Evento	Local	Jornalistas	Reporter Ing.	SIC	Produção	Observações	Marc. por
Realizador				---	Cristina Boavida	Sem Replmagem				MJR
Coordenação RI - Caldas - Rui Do Ó										
PEA - Levanta-te e ri					Isabel Osorio	Jorge Guerreiro				MD
GR antibióticos				Porto	Miriam Alves	Hugo Neves				DM
GR - Avo Luis		00:00		Lisboa	Sofia P Coelho	Pedro Gois				DM
Piquete Manhã			06:00	Sic		Jose Silva				
RE Maternidade Júlio Dinis	*Sony.serverPt		08:30	PORTO	Maria J Mendes	Jose Vaio			não é para hoje	LFG
Ronda Mau Tempo		08:00		Vários, LX	Paulo Varanda	Jose Silva				AA
Limpezas Arvores Sintra		09:00		Sintra	Elsa Goncalves	Rafael Homem			ANULADO	AA
ESSaúde - Inicio Congresso Leaping Forward			09:30	Aud. Hospital da Luz, LX	Dulce Salzedas	Ri Freelancer				IH
Projeto Pen segura - internet segura	*Sony.serverPt		09:30	PORTO, Fac. Ciências	Catarina Folhadela	Joao Gomes		CMO		LFG
Cheias Santarem				Baixa de Santarém	Joaquim Franco	Rafael Homem				AA
Pescadores Figueira			09:00	Figueira da Foz	Miguel Marques	Sem Replmagem				AA
Pescadores Algarve			09:00	FARO	Conceicao Ribeiro	Sem Replmagem				AA
Contas-poupança Farmácia		9:30	10:00	Av de Roma	Pedro Andersson	Jorge Oliveira			Grande angular	PAN
Cientista português premiado		09:00	11:30	Évora	Carla Castelo	Rogerio Esteves				JGF
Formação guarda costas	*Sony.serverPt		10:00	SIC	Marcia Torres					LFG
AR - Audição Poiaras Maduro - RTP			10:30	LX, AR, sala 1	Ines Timoteo	Carlos Catarino	AA		DIRETO + RI SIC	BF/AN
Caso Taça Liga - Bruno de Carvalho ouvido			10:00	Sede FPF	Rui M Guimaraes	Fernando Silva				EMA
Seguro no Amadora-Sintra			11:00	Amadora	Jose M Mestre	Luis Pinto				BF
Falência Campo Pequeno			11:00	Lx	Sonia Batista	Ri Freelancer			Diogo Sentieiro	JGF
Rui Moreira - 35 horas semanais para trab. câmara	*Sony.serverPt		12:00	PORTO, Câmara	Antonio Cancela	Joaquim Gomes				PCZ
Estágio Sporting - directo		11:30	12:30	Alcochete	Helder Santos	Ri Freelancer 3				EMA
Estágio Benfica - directo		11:30	12:30	Seixal	Nuno Figueiredo	Ri Freelancer 5				EMA
Estádio da Luz			11:30	Estádio da luz	Filipa Pereira Miguel Guerreiro	Ri Freelancer 1 Nuno Frois				EMA
Imagens livro			11:30	SIC	Rui P Reis	Jose Silva				RPR
Imagens livro II			11:30	SXIC	Pedro M Costa	Jose Silva				PMC
Apres Resultados Santander Totta			11:30	Sede, Rua do Ouro LX	Ines Candido	Tiago Pereira	AA			JGF
Incidente Dolce Vita Tejo		12:00		Dolce Vita Tejo	Catarina Paraizo	Humberto Candeias				AA
Casas inundadas - Rio Lambo	*Sony.serverPt		12:30	ESMORIZ, Maceda	Maria J Mendes	Jose Vaio			Mochila 3G4	LFG
Combate à Exclusão Social+Garrett McNamara	*Sony.serverPt	12:00	14:00	BRAGA, Av Central	Miguel Torrao	Antonio Pereira				PCZ
C.I. + Reunião ANMP			13:00	Sede, Av. Marnoco e Sousa, Coimbra	Miguel Marques	Miguel Marques	AA			JGF

## Anexo 6 – Exemplo do *planning* (dia 5 de março de 2014)

ENPS Messages: Urgent: REU-MARKETS-EUROPE-STOCKS (URGENT) 3 08:20:45

Planning [05-03-14]

Story Slug	Object Placeholder	Hora Saída	Hora do Evento	Local	Jornalistas	Reporter Img.	SIC	Produção	Observações	Marc. por
PEA - anorexia					Cristina Boavida	Pedro Cardoso				MD
GR Antibióticos (regresso dia 6)		9h00	11h00	Porto	Miriam Alves	Hugo Neves				DM
Escolas amianto		10:00	10:30	Odivelas	Ana M Povoia	Rafael Homem				DS
Entrevista ASPP- Paulo Rodrigues	*Sony.serverPT		11:00	PORTO, sede ASPP	Maria J Mendes	Jose Vaio				LFG
AR - Conferência de líderes			11:00	LX, AR	Patricia Bentes	Pedro Mendes			diretos	JMM
Barbas e Cabelos Jogadores - Entrevista			11:00	SIC	Joaquim Franco	Nuno Frois		SB	ANULADO	AA
Conhecer a Crise - empresas			11:30	Lisboa	Ines Candido	Ri Freelancer 2		jaime		JVN
PR recebe direção do Sporting			11:30	BELÉM	Rui M Guimaraes	Pedro Gois			directo codec	EMA
PEA - Transplantados				Luxemburgo	Raquel Marinho	Fernando Silva				MD
Inquérito Santa Maria			12:00??	Lisboa	Dulce Salzedas					DS
Seleção Nacional em Óbidos ( até à saída da equipa			12:30	Óbidos	Goncalo Ferreira	Franco Santos			direto mochila 3G2	EMA
Ap. Programa Aliança Portugal			12:00	Hotel Sana Myriad, Pq. Nações, lx	Debora Henriques	Nuno Frois			direto mochila 3G3	JMMBF
Conselho de Ministros			12:00	PCM	Joana Nabais				direto carro	JVN
Mário Figueiredo - Economia Indústria Futebol			13:00	Lisboa, Hotel double Tree by Hilton	Helder Santos	Humberto Candeias				EMA
Reportagem Global Management Challenge			13:00	Lisboa	Filipa C Ramos			Tiago	não desmarcar	JVN
AR- Debate Quinzenal Peças			15:00	SIC	Carla Rodrigues Anselmo Crespo	Sem Replagem			Filing	JMMBF
CI-Estradas de Portugal:apresentação de contas			16:00	EP, Praça da Portagem, ALMADA	Lusa Tv	Lusa Tv				
Economia Verde - Eco-cooler		15:00		Lisboa e Cascais	Ana Maltez					CC
AR - Debate quinzenal 1º ministro			15:00	LX, AR	Jose M Mestre Anabela Neves	Pedro Mendes Ri Freelancer 9		Fernando Almeida	diretos // + 1 RI SIC	JMM
Visita guiada Siza Vieira + Cremascoli	*Sony.serverPT mos	16:30		PORTO, Bibl Almeida Garrett	Carla Carvalho	Joao Gomes				LFG
Seleção nacional - Directos Leiria			18:00	Leiria	Miguel Marques				Directos carro	EMA
Jogo sub21 - Portugal X Macedónia			18:00	BARCELOS	Helder Santos	Sem Replagem			FILLING RTP	EMA
Conf.Futuro Econ+Soares Santos+Daniel Bessa	*Sony.serverPT		18:00	BRAÇA, UM	Alberto Fragoso	Cristina Almeida				LFG
AR + Aud. Min. Agricultura- incêndios			18:00	AR, Sala 5	Ines Timoteo	Ri Freelancer 9		Fernando Almeida	filipa (R) SIC	AN
CDS-PP: Reunião do Conselho Nacional			19:30	Largo do Caldas	Bernardo Ferrao				diretos CODEC	BF/JMM
Seleção A - Portugal X Camarões			20:45	Leiria	Miguel Guerreiro	Sem Replagem			direto	EMA
Carnaval Torres-Enterro			21:00	Pq República,Torres Vedras					Direto mochila 3G3 (por conf.)	AV
Apres. Francisco Assis cabeça lista Europeias+Segu	*Sony.serverPT		21:30	PORTO, Alfândega	Miguel Mota	Miguel Cabral			Direto carro	LFG

Agências Feeds Filipa Traqueia Planning SIC

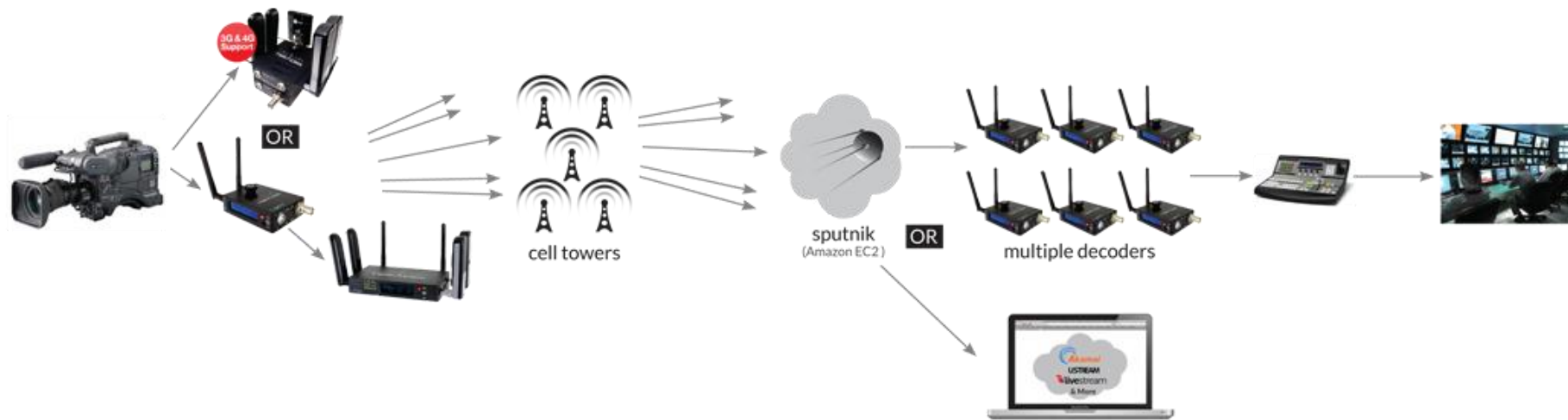
Enter Search Here... Go

All Items News wires

Anexo 7 – Fotografia do *teradek*



## Anexo 8 – Esquema do funcionamento do *teradek*\*



\* Esquema retirado da página oficial da Teradek: <http://www.teradek.com/pages/bond>

### Anexo 9 – Trabalho realizado no Primeiro Jornal

<i>Data</i>	<i>Assunto</i>	<i>Jornalista Acompanhado</i>	<i>Trabalho realizado</i>
20/01/2014	Manifestação de trabalhadores do Hospital Garcia de Horta (Peça)	Paulo Varanda	Acompanhamento *
21/01/2014	Cortes nos salários dos funcionários públicos (Vox Pop)	Luís Manso	Acompanhamento e realização de entrevistas de rua
22/01/2014	Aumento do preço da eletricidade (Vox Pop)	Luís Manso	Acompanhamento e realização de entrevistas de rua
23/01/2014	<i>Blog</i> de uma desempregada (Reportagem)	Luís Manso	Acompanhamento
23/01/2014	Praxes académicas (Peça)	Dulce Salzedas	Produção da informação, contactos com diferentes comissões de praxe do país
27/01/2014	Plenário e manifestação dos trabalhadores reformados do Metro de Lisboa (Peça)	Fernanda de Oliveira Ribeiro	Acompanhamento e realização de entrevistas aos manifestantes
28/01/2014	Recenseamento dos cidadãos da Guiné-Bissau (Cancelado)		
29/01/2014	Fiscalização da GNR a veículos pesados (Peça)	Luís Manso	Acompanhamento e realização de entrevistas aos condutores
30/01/2014	CI do Ministro da Agricultura sobre o resultado da suspeita de Gripe A em Portugal (TH)		Presença na conferência de imprensa, seleção e edição do TH
03/02/2014	Estragos da tempestade no paredão de Cascais (OFF+TH)		Entrevista ao presidente da Câmara Municipal de Cascais, escrita do OFF e seleção e edição do TH
04/02/2014	Rastreio do cancro do pulmão (inserido em peça sobre o dia mundial da luta contra o cancro)		Entrevista à médica responsável pelo rastreio que decorreu no Núcleo de Apoio ao Doente Oncológico
05/02/2014	Protesto de um grupo de pais contra a falta de um professor de português (peça)		Entrevista ao representante dos pais e ao diretor da escola
07/02/2014	Sorteio das faturas com número de contribuinte (peça)	Elsa Gonçalves	Acompanhamento e entrevistas de rua
11/02/2014	Isolamento de Reguengos do Alviela devido à subida das águas do rio (direto)	Joaquim Franco	Acompanhamento
12/02/2014	Cheias no Cartaxo (peça)	Susana Ruela	Acompanhamento

\* Acompanhamento implica a escrita de um *off* e construção de uma peça alternativa ao trabalho do jornalista

13/02/2014	Concurso Vlab (peça)		Entrevista aos responsáveis da Vodafone e da Visão e aos empreendedores convidados do projeto; escrita e edição da peça
14/02/2014	Dia dos Namorados (sketch)		Recolha de declarações de amor
19/02/2014	Demências (peça)	Dulce Salzedas	Acompanhamento
20/02/2014	Fecho da Ginjinha Sem Rival (peça)	Elsa Gonçalves	Acompanhamento
20/02/2014	Queda de homem ao mar (cancelado)	Elsa Gonçalves	
24/02/2014	Record no número de dormidas em Lisboa	Paulo Varanda	Acompanhamento
25/02/2014	Hortas Urbanas (reportagem)	Paulo Varanda	Acompanhamento
25/02/2014	Não atendimento de pacientes fora do perímetro abrangido pelo CHLC (TH)		Entrevista ao bastonário da Ordem dos Médicos, seleção e edição do TH
26/02/2014	Preparativos do carnaval de Loures (peça)	Paulo Varanda	Acompanhamento
27/02/2014	Morte e um paciente no hospital das Caldas da Rainha depois de ser negada transferência (peça)	Fernanda de Oliveira Ribeiro	Produção da informação, contacto o hospital das Caldas da Rainha e com o jornal local que já tinha entrevistado os familiares da vítima
27/02/2014	Falta de transportes para o Hospital de Loures (inserida na peça do jornalista Paulo Varanda)		Entrevista ao presidente da Rodoviária de Lisboa
28/02/2014	Queda do muro em Penedo (peça)	Paulo Varanda	Acompanhamento
28/02/2014			Figuração para a reportagem sobre o jornalismo antes do 25 de Abril de 1974
04/03/2014	Uso de marmitas (integrado na peça de Luís Manso)		Entrevistas de rua, seleção e edição
05/03/2014	Cobrança de faturas de água fora de tempo na Sertã (inserido numa peça do correspondente de Viseu)		Entrevista à jurista da DECO
06/03/2014	Descoberta de uma nova espécie de dinossauros em Portugal (peça)	Paulo Varanda	Acompanhamento
07/03/2014	Manifestação de feirantes à frente do Ministério das Finanças (cancelado)	Paulo Varanda	